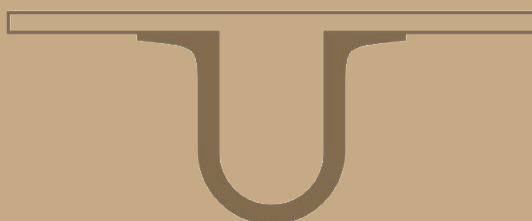




UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Leonor Maria de Almeida e Silva Tavares Pereira

QUESTÕES DE TRADUÇÃO TÉCNICA

A INFLUÊNCIA DO CLIENTE NA QUALIDADE DA TRADUÇÃO

Relatório de Estágio do Mestrado em Tradução, orientado pela Mestre Claudia Ascher e
coorientado pela Doutora Judite Carecho, apresentado ao Departamento de Línguas,
Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Janeiro de 2019

FACULDADE DE LETRAS

QUESTÕES DE TRADUÇÃO

A INFLUÊNCIA DO CLIENTE NA QUALIDADE DA TRADUÇÃO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Questões de Tradução Técnica
Subtítulo	A influência do cliente na qualidade da tradução
Autor/a	Leonor Maria de Almeida e Silva Tavares Pereira
Orientador/a(s)	Claudia Elisabeth Ascher Judite Manuela Silva Nogueira Carecho
Júri	Presidente: Doutora Cornelia Elisabeth Plag Vogais: 1. Doutora Rute Isabel Fernandes Soares 2. Mestre Claudia Elisabeth Ascher
Identificação do Curso	2º Ciclo em
Área científica	Tradução
Especialidade/Ramo	Português e Duas Línguas Estrangeiras (Alemão/Inglês)
Data da defesa	18-02-2019
Classificação do Relatório	16 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



RESUMO

Questões de Tradução Técnica – A influência do cliente na qualidade da tradução

Enquanto relatório de estágio, este trabalho visa descrever a experiência adquirida no estágio curricular que teve lugar na empresa de tradução L10N Studio, Lda. entre 11 de setembro de 2017 e 23 de fevereiro de 2018, relacionando-a com questões teóricas debatidas durante as aulas do Mestrado em Tradução.

Uma vez que esta experiência marcou o meu primeiro contacto com a tradução num contexto profissional, surgiram naturalmente problemas que não tinham sido abordados no contexto académico. Apesar de a teoria da tradução ter sido abordada mais aprofundadamente durante as aulas do mestrado, não teve o papel central que julguei que iria ter no desenvolvimento do meu trabalho, uma vez que surgiram novos desafios que me obrigaram a criar novas soluções. À medida que o estágio foi avançando, foi-se tornando cada vez mais óbvio que o cliente, enquanto responsável pelo início do processo tradutivo, acaba por ter um papel preponderante no modo como esse processo evolui. Consequentemente, o próprio trabalho do tradutor é fortemente influenciado pelo cliente, tanto positiva como negativamente (apesar de o impacto negativo ter sido aquele que afetou o meu trabalho mais acentuadamente). No âmbito do trabalho que desenvolvi durante os cinco meses de estágio, essa influência manifestou-se essencialmente através do envio (ou falta dele) dos materiais necessários, tais como guias de estilo, documentos de referência, memórias de tradução e bases terminológicas, e da explicitação de requisitos específicos do cliente, tais como, por exemplo, a não tradução de determinados termos/expressões, bem como as expressões fixas que, apesar de traduzidas, não deveriam ser alteradas, como é o caso de cargos e funções. O objetivo do presente relatório é analisar estas questões e compreender de que modo é que os problemas poderão eventualmente ser resolvidos ou, pelo menos, atenuados, bem como refletir acerca do modo como eles influenciaram a minha evolução enquanto tradutora.

Palavras-chave: cliente; qualidade; tradução; problemas; teoria

ABSTRACT

Technical Translation – The client’s impact on the translation quality

This report aims to describe the experience that I acquired during my internship which took place in the translation company L10N Studio, Lda. between 11 September 2017 and 23 February 2018, and establish a relationship between that experience and the theoretical questions that were discussed during the Master’s in Translation.

As this experience marked my first contact with translation at a professional level, I encountered new problems which hadn’t been addressed at an academic level. Even though the translation theory had been approached in a more detailed way during the Master's in Translation, it did not have the central role I thought it would have on the evolution of my work, as there were new challenges which forced me to come up with new solutions. As the internship continued, the fact that the client, being the main responsible for the translation process, has a key role in the evolution of this process began to look more obvious. Therefore, the translator’s own work is strongly influenced by the client, both positively and negatively (although the negative impact was the one which influenced my work the most). Within the scope of the work I developed throughout the five months of the internship, that influence mainly was manifested by the client’s own necessary documents (or lack thereof), such as style guides, references, translation memories and term bases, and their specific requirements, for example, regarding words/phrases which shouldn’t be translated, as well as fixed phrases which despite being translated, could not be changed. The purpose of this report is to analyse these matters and understand in what way those problems may potentially be solved or perhaps diminished, as well as reflect on their impact on my evolution as a translator.

Keywords: client; quality; translation; problems; theory

Índice

Introdução	1
I. O estágio curricular	3
1.1. O motivo da escolha da entidade de acolhimento	3
1.2. Descrição da entidade de acolhimento	5
1.3. Desenvolvimento de competências	6
1.3.1. CAT Tools	7
1.3.2. Revisão.....	8
1.4. Funções desempenhadas	10
1.5. A escolha do tema do relatório.....	14
II. A teoria no contexto prático da tradução	16
2.1. Enquadramento das traduções realizadas no estágio curricular	16
2.2. O papel da teoria na prática da tradução	19
2.3. A abordagem funcionalista na tradução	21
2.3.1. A Skopostheorie.....	22
2.3.2. A análise do texto de partida e a encomenda de tradução	23
2.3.3. O papel da encomenda de tradução no trabalho do tradutor.....	25
III. A influência do cliente na qualidade da tradução	27
3.1. Da experiência do estágio à escolha do tema do relatório	27
3.2. Impacto positivo do cliente	29
3.2.1. Disponibilização de um guia de estilo para cada tipo de tradução	29
3.2.2. Fornecimento de formulários com perguntas e respostas relativamente a traduções anteriores para português e para outras línguas	31
3.2.3. Memórias de tradução e bases terminológicas.....	33
3.3. Impacto negativo do cliente	34
3.3.1. Erros no texto de partida	34
3.3.2. Inexistência de memória de tradução e/ou de base terminológica.....	36
3.3.3. Inconsistências entre as memórias de tradução, segmentos bloqueados e bases terminológicas.....	37
3.3.4. Bases terminológicas com erros.....	39
3.3.5. Qualidade e quantidade de materiais fornecidos	40
3.3.6. Escolha da ferramenta de tradução	42

Conclusão	45
Bibliografia	47
ANEXOS	49

Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito do estágio realizado entre 11 de setembro de 2017 e 23 de fevereiro de 2018 na empresa de tradução L10N Studio, Lda, como parte do programa curricular do Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O estágio caracterizou-se, por um lado, pela evolução normal do meu trabalho, na medida em que fui adquirindo mais experiência e lidando melhor com alguns problemas que já haviam sido identificados durante as aulas do mestrado, bem como com novos obstáculos que surgiram ao entrar em contacto com uma realidade que desconhecia até dar início ao estágio; por outro lado, no entanto, houve problemas que se mantiveram constantes, e grande parte deles teve origem no modo como os clientes de tradução se envolveram no meu trabalho, e no impacto que isso teve no meu desempenho profissional enquanto tradutora. Por essa razão, o grande objetivo do relatório é analisar esse envolvimento, de forma a permitir uma reflexão acerca do impacto que ele tem no tradutor e no seu trabalho, quer se trate de um impacto positivo ou negativo.

De forma a organizar o relatório logicamente, optei por dividi-lo em três partes. A primeira, dividida em quatro secções, descreve o estágio curricular, visando explicar as razões pelas quais optei pelo estágio (ao invés de uma dissertação ou de um projeto) e também pela respetiva entidade de acolhimento. Ao longo desta primeira parte, será descrito o tipo de trabalho que foi desenvolvido, e serão apresentadas todas as ferramentas com que trabalhei, comparando sucintamente com o que havia aprendido nas aulas do Mestrado em Tradução. O ponto final consiste num resumo das razões que me levaram a optar pelo tema do relatório.

A segunda parte faz o enquadramento teórico do estágio e do tema escolhido, e está dividida em três secções. O objetivo é analisar diferentes abordagens à teoria da tradução com recurso a vários autores, numa tentativa de responder às minhas próprias questões relativas a este tema. No âmbito do trabalho desenvolvido ao longo do estágio, comecei por abordar a distinção entre tradução técnica e tradução especializada, passando depois para a reflexão sobre qual o papel que a teoria deve ter na tradução e para a apresentação das teorias que mais influenciaram o meu trabalho e que são mais relevantes para o tema que escolhi.

A terceira parte concentra-se no tema do relatório. Encontra-se dividida em duas secções em que são abordados o impacto positivo e o impacto negativo que o cliente pode ter na qualidade da tradução final e no próprio processo tradutivo. Cada uma das secções é constituída por vários pontos que visam explicar detalhadamente em que consiste cada tipo de impacto, sendo ilustrados por pequenos exemplos recolhidos no decurso do estágio curricular.

Por fim, na conclusão, faço algumas observações gerais que relacionam as diferentes partes do trabalho e a minha experiência desde o início do estágio até à redação do presente relatório.

I. O estágio curricular

1.1. O motivo da escolha da entidade de acolhimento

No âmbito do Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é dada aos estudantes a possibilidade de escolher entre realizar uma dissertação, um projeto ou um estágio curricular com relatório final. Cabe ao estudante ponderar cuidadosamente os seus objetivos e, de acordo com os mesmos, decidir qual a opção que melhor se adequa ao seu caso. Apesar de cada uma destas opções apresentar diversas características e respetivas vantagens, a realização de um estágio curricular é aquela que é mais frequentemente escolhida. O principal motivo desta escolha é o facto de um estágio curricular proporcionar aos estudantes a experiência de que necessitam para começar a construir as suas carreiras como tradutores, assim como as bases para adquirirem conhecimentos com base na comunicação com tradutores experientes. Além disso, através de conversas com os meus colegas, sei que grande parte deles ambiciona trabalhar numa empresa de tradução e/ou legendagem, principalmente devido à segurança profissional que daí advém. Não fugindo à regra, foi exatamente por estas razões que optei pelo estágio curricular, uma vez que o meu grande objetivo era entrar em contacto com tradutores e revisores experientes que me permitissem ter uma ideia mais exata e abrangente de como funciona o mercado de trabalho da tradução na atualidade, bem como das suas exigências. Tendo definido estes objetivos profissionais para o futuro, é também relevante referir que a aprendizagem e o treino no âmbito das CAT Tools durante as aulas do Mestrado não são suficientes para apoiar uma carreira na Tradução. A experiência adquirida numa empresa de tradução poderia levar os meus conhecimentos relativos a estas ferramentas de *software* a um nível muitíssimo mais elevado, uma vez que os programas mais utilizados não foram explorados na íntegra durante o primeiro semestre do 1.º ano do mestrado.

De acordo com o plano de estudos do 2.º ano do Mestrado em Tradução, constituem requisitos da realização de um estágio curricular o cumprimento de, no mínimo, 300 horas, assim como a escolha de uma entidade de acolhimento que apresente um protocolo assinado com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Tal entidade de acolhimento pode ser pública ou privada, não necessitando de ser especificamente uma empresa de tradução – pode tratar-se de uma entidade mais abrangente, como uma Câmara Municipal, que incorpore um departamento de tradução ou que inclua trabalhos relativos à tradução (como, por exemplo, na área do turismo). Caso nenhuma das entidades de acolhimento incluídas na lista fornecida pela FLUC satisfaça as exigências do estudante, ou nenhuma envie uma resposta ao pedido de realização de estágio

curricular ou caso o estudante tenha conhecimento de uma empresa/organização específica na qual gostaria de estagiar, é possível entrar em contacto com qualquer empresa/organização do interesse do estudante que não conste da lista e solicitar que esta assine um protocolo com a FLUC.

Optei por estagiar na empresa de tradução L10N Studio, Lda. e a minha escolha deveu-se essencialmente a dois fatores. Primeiro, seria para mim uma mais-valia estagiar em Lisboa, uma vez que a cidade é um centro de empresas de todas as áreas e, desta forma, conseguiria criar uma base mais forte para o meu futuro como tradutora. Consequentemente, concentrei os meus esforços em encontrar empresas/organizações sediadas em Lisboa, apesar de ainda ter contactado algumas localizadas em Coimbra. Segundo, tendo em conta os meus interesses e expectativas relativamente ao que pretendia retirar do estágio curricular, decidi de imediato que iria escolher uma empresa de tradução, colocando de lado as entidades cuja área principal não fosse a tradução não só pelo receio de não haver uma revisão adequada dos meus trabalhos, mas também devido à eventualidade de não conseguir obter a experiência profissional que pretendia. Concluí que poderia aprender muito mais se trabalhasse de perto com tradutores e revisores profissionais e, da mesma forma, conseguiria mais facilmente reunir o material necessário para realizar o relatório. Nesse âmbito, pesquisei empresas que integrassem as áreas de tradução que considerei mais apelativas ao longo do primeiro ano do Mestrado em Tradução: localização e biomédica. Todavia, o meu objetivo era o de encontrar uma entidade de acolhimento que englobasse não só as minhas áreas de interesse, mas também outras que não tinham sido abrangidas durante as aulas do Mestrado, como forma de testar as minhas capacidades e de aprofundar os meus conhecimentos na área da Tradução.

Após obter uma resposta por parte da L10N Studio, Lda., foi-me solicitado que enviasse o meu CV e ficou marcada uma entrevista presencial na própria empresa, em Lisboa, durante a qual ficou acordado que na semana seguinte iria realizar um conjunto de testes como forma de decidir se seria ou não possível estagiar na empresa. Foi também decidido que, caso fosse aceite, o estágio teria início dia 11 de setembro e terminaria dia 23 de fevereiro¹. Os testes consistiram em quatro textos em Word, dois em Inglês e dois em Alemão, que teriam de ser traduzidos por mim sem qualquer acesso a glossários ou memórias de tradução, tendo quatro horas para concluir a tarefa. Os temas dos textos eram variados: Tecnologia da Informação, Direito, Marketing e Equipamento industrial². Uma semana após a entrega das traduções, recebi uma resposta com a informação de

¹ Ficou decidido que o estágio teria a duração de 5 meses (800 horas) em vez de apenas 300 horas de forma a que me fosse possível aplicar os conhecimentos que, em teoria, iria apreender durante os primeiros 2 meses. Além disso, chegou-se à conclusão que, caso a minha adaptação fosse positiva, só com 5 meses de estágio seria possível contribuir de forma abrangente para o trabalho da empresa.

² Estes testes podem ser consultados no Anexo I.

que o meu estágio tinha sido aceite, confirmando assim que dia 11 de setembro iria dar início ao estágio curricular.

Ainda antes de contactar a empresa, tinha ficado extremamente satisfeita com as informações que encontrei na internet acerca dela no respetivo sítio, principalmente por ter começado por ser uma empresa especializada na indústria automóvel, mas que expandiu as suas áreas de trabalho para domínios como a biomédica e a localização. Este facto indicava que se tratava de uma empresa preocupada com a sua imagem e com a qualidade das suas traduções, assim como empenhada no seu envolvimento no mercado da tradução e ciente da necessidade crescente de tradutores cada vez mais multifacetados. Como viria a saber pouco mais tarde, e como pude concluir através da natureza dos testes que vim a realizar, a L10N Studio, Lda. trabalha ainda com marketing, documentos jurídicos e equipamento industrial, tendo este último sido a área nuclear do trabalho que desenvolvi ao longo do estágio curricular, principalmente através de manuais de instruções, como será descrito na terceira secção deste capítulo.

1.2. Descrição da entidade de acolhimento

Como já foi referido na secção anterior, a L10N Studio, Lda. começou por ser uma empresa de tradução dedicada à indústria automóvel, mas, devido à necessidade de adaptação ao mercado em constante desenvolvimento, expandiu as suas áreas de trabalho à biomédica, marketing e localização, entre outras. É a especialização nesta última que deu o nome à empresa. O lema adotado – “*making translation invisible*” – demonstra o objetivo da empresa de criar um texto de chegada que não seja identificado como uma tradução, ou que torne essa identificação quase impossível, algo que me suscitou grande interesse aquando da seleção de uma entidade de acolhimento.

A sede da L10N Studio, Lda. encontra-se situada na Avenida Ressano Garcia, n.º 39, 7.º esq. em Lisboa. É nestes escritórios que se concretiza a maior parte do trabalho de tradução da empresa, e que se encontra a maior parte dos/as gestores/as de projeto da mesma, assim como os/as trabalhadores/as efetivos/as.

O Dr. Dinis Carvalho é o dono e gerente da empresa. Atualmente, faz maioritariamente trabalhos de revisão, tendo sido ainda o responsável pelo tratamento da minha candidatura a um estágio curricular na L10N Studio, Lda., bem como o meu supervisor durante o mesmo³. Além do

³ Apesar de o Dr. Dinis Carvalho me ter orientado nas duas primeiras semanas do estágio, tendo sido ele o responsável pelo envio de textos a serem traduzidos, os meus trabalhos passaram depois a ser revistos alternadamente pelos

Dr. Dinis Carvalho, a empresa conta com uma equipa *in-house* constituída por cinco gestores/as de projeto que são simultaneamente tradutores. Ao longo do estágio, foi-me possível trabalhar com todos eles, tendo as áreas de trabalho de cada tarefa variado de acordo com o/a gestor/a de projeto – a gestora de projeto com quem trabalhei mais frequentemente atribuiu-me quase sempre tarefas relacionadas com equipamento industrial, sempre com o Alemão como língua de partida.

Relativamente às traduções realizadas pela empresa, os tradutores traduzem sempre para a sua língua materna. Uma vez que a maioria dos/as tradutores/as *in-house* são portugueses/as, traduzem (e/ou reveem) para português. Em situações em que seja necessário traduzir para outra língua que não o Português, entra-se em contacto com tradutores *freelance* cuja língua materna corresponda à língua de chegada do projeto. Este método de trabalho permite prestar melhores serviços, uma vez que as questões relacionadas com as dificuldades de tradução mencionadas por Christiane Nord (2014)⁴, frequentemente existentes quando a língua de chegada não corresponde à língua materna do tradutor, são significativamente reduzidas.

Desta forma, as dificuldades de tradução passam não só pelos conhecimentos gerais por parte do tradutor (ou ausência dos mesmos) em relação ao assunto da tradução, mas também pela sua experiência relativa ao uso e funcionamento da língua de chegada.

Dentro da empresa, a comunicação é frequentemente realizada através do Skype, uma vez que as mensagens instantâneas são um modo rápido e eficaz de entrar em contacto com um(a) colega e/ou gestor(a) de projeto, sem que haja o perigo de interromper um trabalho urgente – desta forma, garante-se que a pessoa em questão apenas responde se puder, não colocando em causa a conclusão de trabalhos. A comunicação com colaboradores/as externos/as é realizada por correio eletrónico, quer se trate de algo pontual ou não.

1.3. Desenvolvimento de competências

Durante o estágio curricular, foi-me possível conhecer não só várias *Computer Assisted Translation Tools* (CAT Tools) que não conhecia ou que simplesmente não tinha explorado exaustivamente, mas também os métodos mais eficientes de revisão. O modo como fui acompanhada pelos gestores de projeto influenciou muito a minha evolução como tradutora, tendo

gestores de projeto da L10N Studio, Lda., tanto em traduções de Alemão para Português como de Inglês para Português.

⁴ Nord define estas dificuldades como sendo “the subjective difficulties that a particular [...] trainee encounters because of deficient linguistic, cultural or translational competence [...]” (2014: 64). Estas opõem-se aos problemas de tradução, que são mais objetivos e independentes de tradutores ou contextos particulares, e que a autora também trata nos seus trabalhos.

sido orientada para me tornar mais autónoma e passar a ser capaz de criar soluções para novos problemas mais facilmente. O objetivo desta secção será descrever os programas que utilizei (independentemente da frequência com que foram utilizados) quer para a tradução, quer para a revisão, e apresentar de um modo geral as tarefas por mim desempenhadas, referindo as áreas da tradução nas quais tive a oportunidade de trabalhar.

De modo a apresentar a informação da forma mais eficiente e esclarecedora possível, irei começar por descrever brevemente as CAT Tools utilizadas, passando para uma explicação sucinta dos métodos de revisão, tanto da minha parte como dos/as revisores/as da empresa e terminando com uma descrição das tarefas desempenhadas.

1.3.1. CAT Tools

Como já foi referido anteriormente, os primeiros meses foram de adaptação. Durante esse período, foi-me possível ambientar à maioria das CAT Tools utilizadas dentro da empresa. Este passo foi extremamente importante por várias razões. Em primeiro lugar, apesar de as CAT Tools terem sido brevemente abordadas durante as aulas de Informática Aplicada e Terminologia, lecionadas no primeiro semestre do primeiro ano do Mestrado em Tradução (à exceção do MemoQ, que foi frequentemente utilizado), essas ferramentas não foram usadas de forma exaustiva. Tal significa que não foi desenvolvida atividade regular com com CAT Tools, imprescindível para um trabalho cada vez mais eficiente por parte do tradutor. Em segundo lugar, há certas funcionalidades que não chegaram a ser profundamente exploradas – nomeadamente, no caso do MemoQ. Apesar de não ter sido o *software* mais utilizado durante o estágio, percebi que as aulas não me tinham permitido conhecer aprofundadamente funcionalidades como a ligação a um servidor, assim como eventuais problemas ao realizá-la⁵.

A utilização das CAT Tools ao longo dos cinco meses de estágio variou sempre de acordo com o cliente: quando recebia a informação sobre o cliente da tradução seguinte, em princípio já sabia qual a que iria utilizar. Apesar de o *software* de tradução mais explorado durante as aulas do Mestrado ter sido o MemoQ, aquele que é mais utilizado na L10N Studio, Lda. é o Trados SDL. Consequentemente, os primeiros dias tiveram como objetivo a minha adaptação a este, uma vez

⁵ Trata-se da função “*Check Out From Server*” que permite uma maior facilidade ao dar início aos trabalhos, assim como ao aceder às memórias de tradução e bases terminológicas relativas ao projeto em questão. Por esta razão, há um conjunto de tradutores que preferem trabalhar com MemoQ em vez do Trados. Teria sido difícil trabalhar esta característica do programa durante as aulas, uma vez que no estágio, por vezes, ocorriam erros que seria praticamente impossível reproduzir em aula. No entanto, durante o estágio, acabei por conseguir solucionar a maior parte dos problemas com que me deparei.

que a grande maioria dos trabalhos futuros iriam ser realizados com recurso a esta ferramenta. Durante essa fase, a gestora de projeto que mais frequentemente trabalhou comigo explicou-me os atalhos mais úteis, as funcionalidades mais relevantes, e tive também algum tempo para visualizar um vídeo tutorial das questões mais importantes e algumas informações por escrito fornecidas pelo Dr. Dinis Carvalho. A versão do Trados SDL que mais vezes utilizei foi a de 2015, apesar de ter sido necessário utilizar a de 2007 esporadicamente: nesses casos, uma das gestoras de projeto explicou brevemente quais os atalhos e funcionalidades principais, uma vez que as memórias de tradução estavam muito completas, tendo sido quase apenas necessário confirmar os segmentos.

Houve outras traduções que requereram outros *softwares*, tendo um deles sido o Translation Workspace Xliff Editor. As traduções feitas a partir deste *software* foram sempre de Inglês para Português e, geralmente, tratava-se de traduções particularmente curtas. Um outro *software* de tradução utilizado foi o programa Across, cujo cliente foi sempre o mesmo. As traduções incluíram ambos os pares de línguas com que trabalhei durante o estágio, e foram sempre acompanhadas de memórias de tradução e de bases terminológicas. Por último, refira-se ainda o POEditor, que é uma ferramenta de tradução *online*, especialmente orientada para a localização. Apenas a utilizei uma vez, para um único projeto, no qual não tive acesso a qualquer memória de tradução ou base terminológica (algo que acabou por atrasar o meu trabalho, como será referido na secção 3 deste relatório).

1.3.2. Revisão

No âmbito desta secção, é importante fazer aqui algumas distinções: segundo o projeto de norma portuguesa ISO 17100 (2015, p. 8), denomina-se “verificação” o ato de, após a tradução, o próprio tradutor examinar o seu trabalho, analisando o conteúdo na língua de chegada, enquanto o termo “revisão” fica reservado ao controlo do trabalho do tradutor por uma outra pessoa. Relativamente à verificação das minhas traduções, foram sendo adotados diferentes métodos (ou conjuntos deles) dependendo do *software* utilizado. Antes de tudo, foi sempre obrigatório fazer a verificação (*Quality Assurance* ou QA) no próprio *software* utilizado. Após concluir este passo, ser-me-ia permitido passar para a utilização de auxiliares externos aos *softwares* de tradução. Logo no início do estágio, foi-me dado a conhecer o Xbench. Este programa mostrou ser extremamente útil na deteção de discrepâncias numéricas e de repetições de palavras (apesar de a maior parte das falhas detetadas terem sido particularidades do Português, e não necessariamente um erro)⁶.

⁶ Serve de exemplo a repetição da forma “se” em frases como “se se seguir o método...”.

Todavia, o programa não assinala quaisquer erros gramaticais ou ortográficos. Consequentemente, seria sempre necessária uma verificação suplementar. Sempre que trabalhei quer com o MemoQ, quer com o Trados SDL, e após fazer o QA, exportei as traduções para Word de forma a detetar quaisquer erros gramaticais e/ou ortográficos⁷, juntamente com a verificação através do Xbench. No caso do Across, o método era um pouco diferente. O QA do programa assinalava constantemente erros que, na realidade, não eram erros (principalmente devido ao facto de não reconhecer as alterações inerentes ao Acordo Ortográfico de 1990). No entanto, verifiquei sempre todas as sinalizações, para o caso de haver algumas corretas. Nos projetos realizados com recurso ao Across, foi-me sempre necessário utilizar o Excel em vez do Word, uma vez que o método de exportação deste programa era diferente. O POEditor também permitia uma exportação direta para Excel, apesar de isto ter originado um problema: a revisão feita através do Excel não deteta erros gramaticais, o que implicou sempre uma atenção redobrada da minha parte⁸.

Após a conclusão de cada projeto, era da minha responsabilidade fazer a verificação antes de o entregar, seguindo os passos acima descritos. Só então seria considerado pronto para a entrega, sendo depois revisto ou pelo respetivo gestor de projeto, ou por um revisor da empresa. Nesta situação, além do Xbench, seria utilizado um *software* mais abrangente: o Verifika. Todavia, não me é possível fornecer qualquer descrição do programa, uma vez que não o utilizei em qualquer altura do estágio, tendo apenas assistido a uma pequena apresentação acerca dele dentro da empresa.

Além de verificar as traduções realizadas por mim, tive a oportunidade de realizar trabalhos de revisão, apesar de não ter sido necessário utilizar quaisquer programas para o fazer. As primeiras tarefas de revisão por que fui responsável consistiram essencialmente numa comparação entre documentos em PDF para verificar a consistência, a formatação igual ao original, a tradução na íntegra (por vezes, surgiam versões atualizadas de documentos anteriores, pelo que o tradutor podia não ter visto um novo segmento, deixando-o por traduzir), ou a tradução adequada de determinados termos ou a sua não tradução (para alguns clientes, era necessário deixar certos termos na língua de partida). Na maioria dos casos, não tive acesso a memórias de tradução, tendo havido exceções – duas traduções revistas a partir do Trados SDL. Todavia, num dos casos a memória de tradução encontrava-se completamente vazia e, no outro, tinha relativamente poucas entradas. Conforme a informação disponibilizada na norma ISO 17100 (2015), nestes casos a

⁷ Devo esclarecer que apenas o MemoQ me permitia exportar diretamente o documento para Word. Ao utilizar o Trados SDL, foi sempre necessário selecionar os segmentos com o texto de chegada, copiá-los e colá-los num documento Word em branco.

⁸ Apesar de terem requerido um cuidado suplementar, os projetos em questão (em Across e POEditor) eram relativamente pequenos, pelo que não constituíram um problema no meu trabalho de um ponto de vista mais geral.

minha tarefa foi de “revisão de provas”, cujo objetivo foi garantir essencialmente que o produto final não possuía qualquer tipo de erro, sem ser necessário verificar a tradução. Esta tarefa esteve frequentemente associada a uma outra forma de revisão referida pela norma, a “revisão monolíngue”, que consiste apenas na análise do texto de chegada. Noutras situações, o tipo de revisão que realizei foi mais centrada na tradução, podendo ser considerada uma “revisão bilingue”, que consiste na “análise do *conteúdo na língua de chegada*, confrontando-a com o *conteúdo na língua de partida*, para avaliar a sua adequação à finalidade acordada” (ISO 17100, 2015, p. 8).

A experiência que tive como revisora deu-me acesso a um outro tipo de encomenda – a da revisão. Uma vez que nunca tinha passado pela experiência de revisora, eu partia do pressuposto de que, para rever uma tradução, seria necessário rever tudo o que estivesse errado – desde erros gramaticais e gralhas a diferenças na formatação, termos ou frases não traduzidos, etc. Todavia, aprendi depressa que o processo nem sempre funciona da mesma forma. Na primeira revisão que fiz – que, tal como já foi referido, consistiu na comparação entre dois documentos PDF – o cliente pediu expressamente que fosse apenas assinalada qualquer discrepância entre o documento original e a tradução relativamente à formatação (negritos, itálicos, sublinhados, maiúsculas, parágrafos, etc.). Na eventualidade de encontrar qualquer erro de tradução, teria de ignorar.

Houve ainda situações em que, apesar de se tratar apenas de uma comparação entre documentos PDF, o trabalho terá sido demasiado extenso em relação ao tempo pago pelo cliente: havia uma constante repetição dos mesmos erros ao longo dos documentos, quer em termos de formatação, quer em termos de erros de tradução, tendo sido necessário orientar-me por revisões prévias da empresa para aquele cliente de modo a tentar reduzir o tempo dedicado ao trabalho. Este problema será explorado mais exhaustivamente no terceiro capítulo do presente relatório.

1.4. Funções desempenhadas

Quando comecei o estágio, fui imediatamente informada de que todas as traduções por que seria responsável nas primeiras semanas já teriam sido realizadas por outros tradutores. O objetivo era familiarizar-me com os métodos de trabalho da empresa, com as CAT Tools mais utilizadas e com as áreas da tradução com que iria trabalhar mais frequentemente. No final, teria acesso às traduções finais que já tinham sido revistas, de forma a poder comparar com as minhas. Apesar de ter encontrado algumas diferenças entre as minhas traduções e as traduções finais durante esse período de adaptação, foi-me dito de imediato que tal não significava necessariamente que as minhas opções estavam erradas: o objetivo era, principalmente, adquirir uma noção das diferentes opções

para o mesmo texto de partida. Na primeira semana, foi o Dr. Dinis Carvalho quem me atribuiu as traduções, sendo o par de línguas sempre Inglês – Português. A partir desse momento, e para poder começar a trabalhar com o Alemão, comecei a ser orientada por outra gestora de projeto, que viria a ser aquela com quem trabalhei mais frequentemente (bem como a responsável pela maior parte do meu trabalho, assim como pelo *feedback*⁹ que recebi dois meses antes de o estágio chegar ao fim¹⁰).

Independentemente do/a gestor(a) de projeto com quem estivesse a trabalhar no momento, o processo de trabalho era sempre o mesmo: na maioria das vezes era notificada acerca de um novo projeto através do Skype, sendo informada acerca das instruções (ou ausência das mesmas), do prazo (exceto casos em que se tratasse de projetos tão reduzidos que era desnecessário ter um prazo), bem como das especificidades do projeto e/ou do cliente. Se houvesse necessidade de algum tipo de explicação mais demorada ou detalhada, o/a gestor(a) de projeto notificava-me presencialmente, uma vez que, por vezes, havia necessidade de utilizar um programa diferente com o qual ainda não tinha trabalhado, o que poderia suscitar dúvidas iniciais cuja resolução fosse dificultada através do Skype. Todavia, o acompanhamento era sempre feito através do Skype. Na eventualidade de surgirem dúvidas durante a tradução, teria de as comunicar através do programa e, enquanto não obtivesse resposta, continuaria o trabalho. Houve, no entanto, situações em que não me foi possível continuar a trabalhar devido à persistência de problemas constantes ao longo do documento original, tendo sido necessário contactar o cliente. Nesses casos, foi necessário aguardar uma resposta e dar início a outros projetos.

As áreas abrangidas pelas traduções realizadas ao longo do estágio estiveram sempre fortemente ligadas às dos testes para aceitação no estágio (à exceção de Direito, uma área com a qual trabalhei muito pouco). A grande maioria dos projetos que me foram atribuídos esteve relacionada com equipamento industrial, e dentro dessa área trabalhei com textos de publicidade e manuais de instruções. Pontualmente foi-me possível trabalhar na área da Medicina¹¹, apesar de se ter tratado maioritariamente de trabalhos de revisão e não de tradução. Provavelmente, tal ficou a dever-se ao facto de se tratar de linguagem altamente específica para a qual não me encontrava minimamente

⁹ Neste caso, o *feedback* consistiu num e-mail que descrevia os meus pontos fortes ao longo das traduções que fui fazendo, assim como os pontos fracos, ou seja, aquilo que poderia melhorar rapidamente. Estes estavam relacionados com o tipo de linguagem utilizada para certo tipo de projetos, com a utilização de aspas, que surgiam diferentes devido à configuração errada de definições no Trados SDL, e ainda com a utilização de caracteres especiais.

¹⁰ Apesar de ter demorado algum tempo a ter acesso a este *feedback*, é importante salientar que foi necessário esperar o tempo suficiente para que eu pudesse desenvolver capacidades e fosse possível avaliar corretamente a minha evolução ao longo do estágio.

¹¹ Dessas situações, uma ocorreu logo no início do estágio, durante o período de adaptação, em que traduzi um texto da área de medicina dentária, tendo depois tido a oportunidade de comparar as minhas soluções com a tradução já realizada pela empresa.

preparada – razão pela qual as revisões que fiz passaram apenas pela verificação da consistência relativamente à formatação e pouco mais. Houve uma única exceção relativa a esta área: uma das tarefas que me foi atribuída foi a realização de um glossário em Excel, de Inglês para Português, feito a partir de dois documentos PDF. A tarefa consistiu em recolher um conjunto de termos médicos altamente especializados e associá-los aos seus correspondentes portugueses, tendo como objetivo facilitar futuras traduções naquele contexto.

Apesar de ter havido algumas tarefas que não foram simplesmente tradução, revisão ou *proofreading*, estas atividades permitem traçar um quadro geral de como o estágio foi evoluindo. Segue-se, assim, uma tabela que demonstra a variedade de projetos por que fui responsável ao longo dos cinco meses do estágio.

Mês	Área	Função	Projeto	Par de línguas
Setembro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um dispositivo de lubrificação	Inglês / Português
Setembro	Técnica	Revisão de provas	Manual de instruções de um sistema modular	Inglês / Português
Outubro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um sistema de diagnóstico	Inglês / Português
Outubro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um equipamento de movimentação de cargas	Alemão / Português
Outubro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um equipamento de movimentação de cargas	Alemão / Português
Outubro	Jornalismo	Tradução	Comunicado de imprensa	Inglês / Português
Outubro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um dispositivo móvel	Inglês / Português
Novembro	Marketing	Tradução	Texto publicitário relativo a um dispositivo móvel	Alemão / Português
Novembro	Jornalismo	Tradução	Comunicado de imprensa	Alemão / Português

Novembro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um equipamento de movimentação de cargas	Alemão / Português
Novembro	Técnica	Revisão de provas	Manual de instruções de um cortador rotativo	Inglês / Português
Novembro	Medicina	Tradução	Conjunto de pequenos textos com descrições sobre acessórios de ortopedia	Inglês / Português
Dezembro	Jornalismo	Tradução	Comunicado de imprensa	Inglês / Português
Dezembro	Jornalismo	Tradução	Comunicado de imprensa	Alemão / Português
Dezembro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um dispositivo móvel	Inglês / Português
Dezembro	Técnica	Tradução	Localização – tradução de termos UI (interface de utilizador)	Inglês / Português
Dezembro	Jornalismo	Tradução	Comunicado de imprensa	Alemão / Português
Dezembro	Medicina	Revisão de provas	Texto informativo sobre disfunção erétil	Inglês / Português
Dezembro	Jornalismo	Tradução	Comunicado de imprensa	Inglês / Português
Janeiro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um equipamento de movimentação de cargas	Alemão / Português
Janeiro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um transportador de rolos	Alemão / Português
Janeiro	Direito	Tradução	Política de privacidade	Inglês / Português
Janeiro	Técnica	Revisão de provas	Manual de instruções de um trator	Inglês / Português
Janeiro	Direito	Tradução	Regulamento interno de uma empresa	Alemão / Português

Janeiro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um equipamento de ar condicionado	Inglês / Português
Fevereiro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um dispositivo móvel	Inglês / Português
Fevereiro	Jornalismo	Tradução	Comunicado de imprensa	Inglês / Português
Fevereiro	Direito	Tradução	Declaração de conformidade	Alemão / Português
Fevereiro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um equipamento de movimentação de cargas	Alemão / Português
Fevereiro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um equipamento de movimentação de cargas	Alemão / Português
Fevereiro	Jornalismo	Tradução	Comunicado de imprensa	Inglês / Português
Fevereiro	Técnica	Tradução	Manual de instruções de um equipamento de movimentação de cargas	Alemão / Português
Fevereiro	Direito	Revisão bilingue	Regulamento interno de uma empresa	Inglês / Português
Fevereiro	Direito	Tradução	Política de privacidade	Inglês / Português
Fevereiro	Técnica	Revisão de provas	Manual de instruções de um sistema de raio X móvel	Inglês / Português

1.5. A escolha do tema do relatório

Quando foi necessário escolher um tema para este relatório, foi-me pedido que refletisse acerca de um padrão, de problemas constantes que tenha encontrado durante o estágio curricular. Esse padrão identificou-se relativamente depressa – a influência do cliente na qualidade da tradução. Trata-se de uma questão com uma presença muito marcada no trabalho dos tradutores, mas para a

qual ainda não há uma preparação: houve um choque relativamente grande entre as aulas e o estágio, uma vez que, até então, os meus clientes haviam sido sempre os professores. Todavia, uma parte significativa dos clientes com os quais trabalhei durante o estágio falhava num ou mais aspetos, o que tinha frequentemente um impacto negativo na tradução.

O presente relatório tem como objetivo explorar todas as questões inerentes a este tema, apresentar os aspetos positivos e negativos da influência do cliente, e refletir acerca das abordagens que o tradutor poderá adotar como forma de contornar os obstáculos relacionados com o cliente.

II. A teoria no contexto prático da tradução

Nem sempre é fácil encontrar uma forma lógica de aplicar a teoria no processo tradutivo e é frequente haver uma descrença relativamente à utilidade da teoria na tradução. No entanto, no âmbito do relatório, foi importante relacionar a teoria com a prática da tradução, de forma a compreender a minha própria evolução profissional: a segunda parte do relatório visa explorar essa relação do meu ponto de vista enquanto tradutora iniciante.

Desta forma, a primeira secção oferece contexto teórico ao trabalho por mim desenvolvido durante o estágio curricular, apresentando a distinção entre tradução especializada e tradução técnica. Neste contexto, é feita uma reflexão sobre o impacto que essa diferenciação pode ter no processo tradutivo, estabelecendo uma relação com o estágio. A segunda secção apresenta uma reflexão mais extensa sobre a relação entre a teoria da tradução e o meu trabalho durante o estágio, procurando encontrar uma forma mais generalizada de aplicar a teoria na tradução. A terceira secção visa apresentar o funcionalismo, dando especial atenção à *Skopos*theorie, uma vez que foi esta teoria aquela com que mais facilmente consegui relacionar o meu trabalho, com recurso ao trabalho de Christiane Nord (mais especificamente, o modelo de análise do texto de partida e a encomenda de tradução).

2.1. Enquadramento das traduções realizadas no estágio curricular

As tarefas que realizei durante o estágio concentraram-se no que habitualmente se designa como tradução técnica ou, também, como tradução especializada, pelo que procurei encontrar na bibliografia definições e reflexão que me permitissem distinguir e compreender melhor estes conceitos. Sue Ellen Wright e Leland Wright (1993) refletem sobre este assunto através de uma abordagem mais generalista que tende a encarar os dois tipos de tradução da mesma forma. Assim, afirmam que a tradução técnica “includes not only the translation of texts in engineering or medicine, but also such disciplines as economics, psychology and law” (1993: 1), acabando por não deixar muito clara a sua opinião relativamente à definição de tradução especializada. Já Jody Byrne (2006) realça que a tradução especializada e a tradução técnica não são, de todo, a mesma coisa: no caso da segunda, a própria designação remete para o conceito de tecnologia, que não inclui áreas como a Medicina, Direito, ou qualquer outro tipo de textos especializados: “For example, religion has a very specific terminology and very definite conventions, styles and document structures but it is never regarded as ‘technical’” (2006: 3). Byrne defende que a tradução técnica é vista como o ramo da tradução que é mais básico e cujos problemas são

essencialmente questões de terminologia e pouco mais. Um dos problemas que daqui advêm é o facto de a grande maioria dos tradutores técnicos não receber formação na área em que estão a trabalhar, o que leva a “an urgent need to incorporate knowledge of technical communication and usability testing into the theory and practice of technical translation” (2006: x).

Comparando as abordagens apresentadas por Wright e Wright (1993) e por Byrne (2006) do ponto de vista da sua utilidade para compreender melhor a tradução técnica, a primeira parece-me demasiado genérica, enquanto a segunda sublinha de forma bastante mais clara as especificidades da tradução técnica e as razões pelas quais ela deve ser estudada como um ramo independente, respondendo melhor às questões que se colocam a quem trabalha ou pretende trabalhar nesta área.

Num artigo escrito para a revista de tradução *The ATA Chronicle*, Mathilde Fontanet (2013) também se debruça sobre este assunto. A autora reflete acerca do que é a tradução técnica, explicando que a existência de termos técnicos nesse tipo de texto não é o suficiente para afirmar que se trata de uma tradução técnica, uma vez que esses mesmos termos podem ser encontrados em textos de outras áreas que fazem parte da tradução especializada. Assim, referindo-se essencialmente a manuais de instruções, Fontanet afirma que “one feature that sets a technical text apart from other writing is its strictly utilitarian purpose: the sole function is to respond to a need for information or instruction generated by the reader’s need to perform a technical task” (2013: 18). Após apresentar esta noção, passa a distinguir o texto técnico do texto científico, na medida em que enquanto o segundo tem como objetivo uma transferência de conhecimentos para o leitor, o primeiro deve funcionar como um espelho da realidade técnica: “The text must reflect this reality directly and allow the reader to have a direct effect on it” (Fontanet, 2013: 18). O seu único objetivo é o de transmitir informações ao leitor de forma objetiva e neutra para o ajudar a completar uma determinada tarefa, na qual o tradutor vai estar concentrado de modo a poder fazer as alterações necessárias ao texto de chegada: “The merely functional purpose of the text and its strict orientation toward the target reader’s sphere of action means that translators must constantly have function and context in mind” (Fontanet, 2013: 19) – esta posição está de acordo com os princípios do funcionalismo, cuja influência na tradução será discutida na secção 2.3.

Em resposta a este artigo, Steve Vlasta Vitek (2013), um tradutor técnico que trabalha principalmente com patentes, afirma o seguinte: “many technical texts slyly but very distinctly aim to achieve [...] the exact opposite of conveying information as objectively and clearly as possible” (Vitek, 2013). O autor põe, assim, em causa a noção de tradução técnica como meramente a tradução de manuais de instruções, mostrando que a importância das especificidades da tradução técnica não advêm apenas de uma necessidade formal. A noção geral de tradução técnica como a tradução de manuais de instruções acaba por originar uma ideia de que a linguagem

deve ser o mais neutra e direta possível, de forma a evitar quaisquer lapsos de compreensão por parte do leitor. Todavia, o exemplo de Vitek demonstra exatamente o oposto: devido à natureza dos textos relativos a patentes, o tradutor deve procurar uma linguagem ambígua. É precisamente este exemplo que demonstra que, apesar de a tradução técnica e a tradução especializada não serem o mesmo, acabam por funcionar em conjunto – e é dessa forma que devem ser encaradas pelo tradutor. Neste caso, trata-se de uma junção entre a tradução jurídica e tradução técnica, sendo necessário atender às especificidades de cada uma e conjugá-las em conformidade. É por esta razão que a tradução técnica não deve ser considerada uma área isolada, mas exige uma atenção especial que é frequentemente ignorada. Tanto Byrne (2006) como Fontanet (2013) justificam essa necessidade através de diversos argumentos, dos quais passo a destacar:

— a terminologia: Fontanet explica que, apesar de os termos poderem ser frequentemente encontrados em glossários, o problema reside em “seeing where the term starts and where it ends (that is, to establish whether it corresponds to one word or more)” (2013: 23).

— o estilo: Fontanet afirma que a necessidade de um texto técnico ser eficiente faz com que este tenha de ser o mais claro e objetivo possível (2013: 19). Byrne também refere o estilo, explicando o seguinte: “if we regard style as the way we write things, the words we choose and the way we construct sentences, then style is equally, if not more, important in technical translation than in other areas because it is there for a reason, not simply for artistic or entertainment reasons” (2006: 4). O autor dá como exemplo um panfleto com instruções de utilização relativas a um determinado produto e com um determinado limite de espaço, no qual é necessário que tanto o autor como o tradutor consigam expressar a informação de forma precisa e clara e, simultaneamente, incluir todos os factos necessários (2006: 4-5).

A partir do que até agora foi dito, é possível concluir que uma boa tradução exige sempre uma noção abrangente daquilo com que o tradutor está a lidar. A consciência de que o texto técnico, mesmo com as suas especificidades, pode ter bastante em comum com outros tipos de texto, pode levar o tradutor destes textos a ter uma melhor preparação. Ao saber que a tradução técnica não consiste apenas no uso objetivo de termos técnicos e numa linguagem mais concisa, o tradutor deixa de estar tão limitado, acabando por conseguir dar a devida importância aos diferentes aspetos que caracterizam o texto de chegada. Assim, é importante ter em conta que, mesmo ao traduzir textos técnicos, nem sempre a linguagem simples é o caminho mais adequado. Considerando que o trabalho que desenvolvi durante o estágio curricular se baseou em grande parte na tradução de manuais de instruções, posso afirmar que as opções tomadas pelo tradutor devem sempre ter em conta as memórias de tradução fornecidas pelo cliente, bem como os requisitos específicos do mesmo. Estes podem não ir ao encontro das particularidades da língua de chegada, como é o caso

de instruções que solicitem a não tradução de determinadas expressões. Além disso, se o tradutor tiver sempre como objetivo uma linguagem simples, poderá cair no erro de adotar uma linguagem demasiado coloquial: como tradutora principiante, foi um problema que tive de aprender a ultrapassar, e do qual só me apercebi após ter recebido o *feedback* por parte da gestora de projeto.

2.2. O papel da teoria na prática da tradução

Durante o primeiro ano do Mestrado em Tradução na FLUC, a teoria da tradução foi um tema frequentemente debatido, especialmente na unidade curricular a ela dedicada. Foram apresentados os autores mais relevantes e as suas teorias, tendo alguns, particularmente Christiane Nord, sido retomados noutras unidades curriculares do mesmo ano. A dificuldade em ligar a teoria à prática começou quase de imediato, e estendeu-se até ao estágio curricular, durante o qual senti que os conhecimentos adquiridos nas aulas sobre teoria da tradução não eram os suficientes para conseguir evoluir como tradutora ou resolver os problemas tradutivos que encontrei. A necessidade de relacionar a teoria com a minha experiência prática adquirida durante o estágio curricular e colocou-me perante uma tarefa complicada. Desde o início dos meus estudos no Mestrado em Tradução que senti que a teoria da tradução não me estava a preparar o suficiente para o mercado de trabalho, e acabei por perceber que é um sentimento fortemente generalizado entre estudantes de Tradução. Esta questão é exaustivamente debatida por Emma Wagner em conjunto com Andrew Chesterman, num diálogo cujo objetivo é discutir até que ponto a teoria pode contribuir para a prática da tradução (Chesterman & Wagner, 2002). Chesterman responde às questões colocadas por Wagner através de uma analogia entre a tradução e outras áreas como a música, literatura, sociologia e mecânica, explicando que em todas elas a teoria funciona de maneiras diferentes:

[...] Should literary theory help writers and poets to write better? [...] Should the theories of mechanics and cybernetics help engineers and computer scientists to produce better robots? [...] such theories might help academics (theorists) to understand something better, and hence, in some abstract way, add to the sum total of cultural knowledge. (2002: 2)

Apesar de se tratar de uma analogia extremamente simples, demonstra que a função da teoria na tradução não tem necessariamente de ser a de ensinar os tradutores a traduzir (apesar de, idealmente, o poder fazer de certa forma, orientando-os para o caminho certo), mas antes a de facilitar a compreensão do processo tradutivo – a partir daí, será mais fácil haver uma

consciencialização das próprias decisões, permitindo ao tradutor perceber o motivo pelo qual (não) optou por uma determinada alternativa. Tendo uma noção mais específica do seu trabalho, mais depressa conseguirá evoluir e possivelmente evitar repetir os seus erros.

Numa entrevista a Christiane Nord para a revista *Cadernos de Tradução* (2000), esta questão é também abordada, resumindo aquilo que já foi referido anteriormente – após uma questão acerca da posição da teoria na prática da tradução, Nord afirma:

Außerdem glaube ich gar nicht, dass Praktiker keine Theorie(n) haben - vielleicht sind sie sich dessen nur nicht bewusst! Und dann könnte eine Theorie zumindest den Sinn haben, dass sich die Praktiker mal mit ihrer eigenen Praxis etwas konsequenter beschäftigen. Dann würden sie vielleicht merken, dass ihre „subjektive Theorie“ nicht immer konsistent ist, und könnten dadurch ihr praktisches Handeln verbessern. Dass „die Theorie“ nichts für die Praxis übrig hat, kann man auch nicht so pauschal behaupten. Die Funktionalisten zumindest schauen sehr genau auf die Anforderungen der professionellen Praxis.¹² (2000: 184)

Com efeito, para a autora, mesmo tradutores que não tenham estudado as diferentes teorias de tradução, ao realizar o seu trabalho, vão desenvolvendo as suas próprias ideias e métodos que, aos poucos, vão adotando, mesmo que não se apercebam – o que se discute aqui é essa consciencialização como método de melhorar o próprio trabalho. Nord discute que o que deve ser feito é consciencializar os tradutores das teorias, de forma a que possam tomar decisões conscientes e informadas. De qualquer forma, a teoria acaba sempre por estar presente na tradução. No entanto, Nord confirma aquilo que foi dito anteriormente: o papel da teoria é frequentemente o de analisar o processo tradutivo, podendo ter como objetivo a melhoria do próprio trabalho.

Esta consciencialização funciona para os dois lados: o tradutor pode optar por seguir uma determinada abordagem ou por contrariá-la. No caso do meu estágio, em função do lema da L10N, Lda., a invisibilidade do tradutor foi uma constante durante todas as minhas traduções. Tentei seguir sempre o princípio indicado na citação de Norman Shapiro com que Lawrence Venuti (1995), o autor que estudou a invisibilidade da tradução, começa o capítulo sobre este tema:

¹² A revista apresenta uma tradução para Português do Brasil: “Além disso, sequer acredito que os práticos não tenham nenhuma teoria ou teorias – talvez eles apenas não tenham consciência deste fato! E, nesse caso, uma teoria poderia ter, ao menos, o sentido de que os tradutores começassem a analisar a sua própria prática de uma maneira mais conseqüente. Aí, talvez percebessem que a sua “teoria subjetiva” nem sempre é consistente, e, assim, poderiam melhorar sua própria prática. Aliás, não se pode afirmar de maneira geral que “a teoria” não se preocupa com a prática. Pelo menos os funcionalistas observam de maneira muito minuciosa as exigências da prática profissional.”

[...] A good translation is like a pane of glass. You only notice that it's there when there are little imperfections—scratches, bubbles. [...] (1995: 1)

Esta ideia levanta um conjunto de questões que fazem parte de um debate conhecido entre tradutores: a questão do reconhecimento do tradutor. A partir do momento em que uma tradução é irreconhecível aos olhos do leitor, o tradutor quase que deixa de existir. Concentrando-se especificamente na cultura anglo-americana, Venuti explica como o grande critério de diversos críticos de traduções para o Inglês é apenas a fluência do texto, já que esses críticos “usually focus on its style, neglecting such other possible questions as its accuracy, its intended audience [...]” (1995: 2). Assim, acabam por não avaliar todo o processo de tradução, mas apenas o produto final e a sua fidelidade ao texto de partida. O objetivo de Venuti é aumentar a visibilidade do tradutor para o leitor aquando da leitura do texto. O que o autor pretende é “present a theoretical basis from which translations can be read as translations, as texts in their own right, permitting transparency to be demystified, seen as one discursive effect among others” (1995: 17). Apesar de concordar que a invisibilidade pode não ser sempre a abordagem ideal, por haver uma ocultação do trabalho do tradutor, como referi acima, foi esse princípio da invisibilidade que me orientou durante o estágio, porque considerei que era adequado ao contexto e às tarefas que me eram atribuídas. Ter como objetivo manter a minha invisibilidade ajudou-me a conseguir tomar certas decisões que, caso contrário, não teria conseguido tomar, principalmente durante a revisão das minhas próprias traduções – era nesta fase que fazia uma leitura mais distante do texto, de forma a tentar perceber se o processo tradutivo seria perceptível por parte do leitor. A teoria como um agente de análise do processo tradutivo poderá ser um recurso bastante mais vantajoso, na medida em que é possível compreender quais os métodos mais adequados ao traduzir um determinado tipo de texto.

2.3. A abordagem funcionalista na tradução

Tal como o nome indica, o funcionalismo no âmbito da tradução é uma teoria que se centra na função do texto, nomeadamente do texto de chegada – com o aparecimento das teorias funcionalistas, o texto de partida perde, assim, o protagonismo que havia tido até então. A tradução passa a depender do contexto e do objetivo da comunicação, não se devendo basear apenas no princípio da equivalência. Nas secções seguintes, terei como objetivo analisar o papel do funcionalismo no estudo do processo de tradução, concentrando-me na *Skopostheorie* e na

encomenda de tradução, uma vez que são os conceitos mais diretamente relacionados com a minha experiência de estágio e com o tema que escolhi para este relatório.

2.3.1. A Skopostheorie

A *Skopostheorie* é a base do funcionalismo, tendo sido a partir dela que surgiram outras teorias funcionalistas nos estudos de tradução. Tal como o funcionalismo aponta como ponto central a função do texto, a *Skopostheorie* concentra-se no *skopos*¹³ ou objetivo do texto. Todas as decisões tradutivas estão subordinadas ao *skopos* do texto de chegada, incluindo a função, que poderá ser alterada em função dos *skopoi* do texto de chegada (Nord, 2005: 27).

Desenvolvida por Hans J. Vermeer (Nord, 2014: 12), a *Skopostheorie* é uma teoria funcionalista segundo a qual o *skopos* do processo tradutivo é o ponto de partida para dar início à tradução (Nord, 2014: 27) – “The highest rule of a theory of translational action is the ‘*skopos* rule’: any action is determined by its purpose, i.e. it is a function of its purpose or *skopos*.” (Reiß & Vermeer, 2014: 90). A partir daí, o tradutor adota ou exclui métodos de trabalho e/ou estratégias, adquirindo mais certezas nas suas tomadas de decisão – um assunto que foi abordado por Christiane Nord e que será analisado adiante. Nord apresenta uma citação de Vermeer que explica a razão do nome da teoria em questão, assim como a teoria em si, de uma maneira muito geral:

Any form of translational action, including therefore translation itself, may be conceived as an action, as the name implies. Any action has an aim, a purpose. [...] The word *skopos*, then, is a technical term for the aim or purpose of a translation. [...] Further: an action leads to a result, a new situation or event, and possibly to a ‘new’ object. (Vermeer 1989:173ss. *apud* Nord, 2014: 12)

A comunicação como um processo orientado para um objetivo é um tema frequentemente referido pelos autores e que retoma as ideias fundadoras da Pragmática linguística: uma ação pressupõe expectativas por parte do agente, tendo em conta que haverá uma alteração da situação atual (Reiß & Vermeer, 2014: 85). Ao comunicar, ou ao transmitir informação a alguém, pretendemos, conscientemente ou não, alterar a realidade como a conhecemos – no entanto, concentrar-me-ei na comunicação intencional. Assim, o texto de partida tem um propósito que

¹³ O dicionário *online* Infopédia oferece quatro entradas para “escopo”: 1. ponto de mira; 2. aquilo que se pretende atingir; alvo; 3. desígnio; propósito; fim; 4. campo de ação; âmbito. Devido à frequente utilização de “escopo” como “âmbito”, optei por utilizar sempre o termo *skopos* ao longo do relatório. Em relação à etimologia, incluí a seguinte informação: “do grego *skopós*, «alvo», pelo latim *skopo-*, «escopo, mira, fim» (Consultado a 03/05/2018, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/escopo>).

deve ser transposto para a tradução, e que poderá auxiliar o tradutor a realizar uma oferta de informação que possua o mesmo efeito que o original. Vermeer apresenta uma distinção um tanto complexa entre *aim*, *purpose*, *function* e *intention* (Nord, 2014: 28), mas Christiane Nord opta por fazer apenas uma distinção entre *intention* e *function*, que acaba por ser mais clara no que toca ao que constitui o *skopos* do texto de chegada: “The intention is defined from the viewpoint of the sender, who wants to achieve a certain purpose with the text. But the best of intentions does not guarantee that the result conforms to the intended purpose” (2005: 53); uma vez que, por seu lado, “the receivers use the text with a certain function, depending on their own expectations, needs, previous knowledge and situational conditions” (2014: 28). Devido às diferenças linguísticas e culturais normalmente presentes no processo tradutivo, a intenção e a função necessitam de ser analisadas de forma diferente de modo a que consigam ser o mais semelhantes possível na comparação entre texto de partida e texto de chegada (Nord, 2014: 29). Todavia, a *Skopostheorie* não implica que a função do texto de partida seja necessariamente igual à função do texto de chegada (Byrne, 2006: 38) – todas as traduções têm um *initiator*, ou seja, um cliente, que pode eventualmente pretender que o texto de chegada tenha uma função diferente da do texto de partida. Na verdade, as diferenças entre o texto de partida e o texto de chegada podem ser maiores ou menores, mas o simples facto de o público-alvo dos dois textos ser diferente já é o suficiente para que elas existam. É por este motivo que o tradutor necessita sempre do maior número possível de detalhes acerca da tarefa, a partir dos quais conseguirá optar pelas estratégias mais adequadas à realização da tradução (Nord, 2014: 30). Servem de exemplo textos de marketing: ao traduzir um texto sobre um determinado dispositivo, como um telemóvel, é possível que o texto de chegada seja direcionado a um público mais jovem que o texto de partida, no qual o tradutor poderá ter de utilizar o tratamento com a 2.^a pessoa. No entanto, se o cliente não enviar esta informação, o tradutor facilmente irá optar pelo tratamento formal com a 3.^a pessoa, frequentemente utilizado em português. Outro problema que pode surgir é a tradução de termos como “self-portrait” que, para um público mais jovem, pode ser traduzido para “selfie” em vez de “autorretrato”.

2.3.2. A análise do texto de partida e a encomenda de tradução

Saber qual a função do texto de chegada é de extrema importância para o tradutor, mas não é o suficiente para garantir que a função pretendida estará presente na tradução. Para realizar o seu trabalho, o tradutor precisa de mais informações, que idealmente lhe são fornecidas por parte do cliente, embora, na realidade, isso frequentemente não aconteça e acabe por ser responsabilidade do tradutor solicitá-las, de forma a poder evitar encontrar constantemente obstáculos criados pela

falta de informação. Essas informações são aquilo que Nord (2014: 30) chama *Übersetzungsauftrag* – que aqui designo como encomenda de tradução –, e permitem ao tradutor compreender o contexto e a função do texto de chegada, ajudando-o a optar pelas estratégias de tradução mais adequadas. Para além de interpretar a encomenda de tradução, Nord (1988) refere ainda uma outra tarefa básica do tradutor: a de analisar o texto de partida e o seu contexto. Para tal, a autora apresenta um modelo de análise do texto de partida, distinguindo entre fatores internos ao texto e fatores externos ao texto:

- textexterne Faktoren: wer übermittelt, wozu, wem, über welches Medium, wo, wann, warum, mit welcher Funktion;
- textinterne Faktoren: worüber, was (was nicht), in welcher Reihenfolge, unter Einsatz welcher nonverbalen Elemente, in welchen Worten, in was für Sätzen, in welchem Ton. (Nord, 1988: 41)

O tradutor deve, assim, fazer a análise do texto de partida e do texto de chegada (com base nas informações da encomenda de tradução) contemplando estas questões, para que consiga compreender o texto de partida o melhor possível, mas já com uma orientação para o texto de chegada e para a intenção do *initiator*. Nord ainda acrescenta um último fator – “mit welcher Wirkung” – que considera abranger todos os outros (“übergreifenden Faktor”), uma vez que ultrapassa o próprio texto e a situação em que este se insere. Ao observar todos estes fatores, é possível compreender a sua ligação ao *skopos* – principalmente os fatores “wozu”, “warum” e “mit welcher Funktion”, através dos quais o tradutor pretende compreender o(s) motivo(s) que levou/levaram o autor a criar aquele texto de partida e qual/quais o(s) seu(s) objetivo(s). Apesar de os fatores “wozu” e “mit welcher Funktion” parecerem semelhantes, podem e devem ser distinguidos: ao passo que o primeiro é um pouco mais geral, tendo em consideração a intenção do autor (tal como já se falou da intenção da comunicação humana, quando realizada de forma consciente), o segundo refere-se especificamente à função do texto, ou seja, ao objetivo específico que este deve cumprir.

Nord (1988: 52) refere ainda que para compreender a dimensão da intenção do emissor, é importante distingui-la de “efeito” e “função”, que define da seguinte forma:

Die Wirkung ist jedoch gewissermaßen aus der Innersicht des Rezipienten in der Rezeptionssituation zu bestimmen, während die Intention aus der Innensicht des Senders definiert wird. Die Textfunktion

wiederum ist „von außen“, aus der Konstellation der Situationsfaktoren (zu denen auch die Intention gehört) zueinander, beschreibbar [...]. (Nord, 1988: 52)

A autora refere também que é importante ter em conta que, apesar de a encomenda de tradução se concentrar no texto de chegada, a análise do texto de partida não deixa de ser relevante: “The source text provides the offer of information that forms the starting point for the offer of information formulated in the target text” (2014: 62). Esta conjugação entre a análise do texto de partida e a encomenda de tradução revelou-se muitíssimo importante durante o estágio, principalmente no contexto da tradução médica: sendo uma área com uma linguagem muito específica, principalmente quando se trata de artigos direcionados para profissionais, não permite tão facilmente a adoção de uma linguagem mais simples (como é o caso da tradução de manuais de instruções). Numa situação destas, a análise do texto de partida é indispensável para que o tradutor consiga detetar as respetivas características estilísticas e terminológicas, tirando proveito da encomenda de tradução para moldar o texto de chegada de forma a ir ao encontro da função e efeito pretendidos.

2.3.3. O papel da encomenda de tradução no trabalho do tradutor

O papel do cliente enquanto fator decisivo na qualidade da tradução final é uma constante no trabalho do tradutor. Uma das razões pelas quais esta questão foi muito debatida durante as aulas do Mestrado em Tradução foi a importância que sempre foi dada à encomenda de tradução, igualmente valorizada por Christiane Nord (2014: 59): “Every translation task should [...] be accompanied by a brief that defines the conditions under which the target text should carry out its particular function”. Como foi já referido nesta parte, este é um passo crucial para dar início à tradução, independentemente do domínio do respetivo projeto, permitindo que o tradutor se concentre no texto de chegada, tendo consigo o máximo de informações possível. Idealmente, estas serão fornecidas pelo próprio cliente ou, nas palavras de Christiane Nord (2014: 30), *initiator*, cujas indicações poderão fazer variar a função e o efeito de um dado texto. No entanto, o problema reside exatamente no facto de o próprio *initiator*, nas situações em que não é especialista na área da tradução, não se aperceber da importância desta questão:

[...] the *Skopos* often has to be negotiated between the client and the translator, especially when the client has only a vague or even incorrect idea of what kind of text is needed for the situation in question. Clients do not normally bother to give the translator an explicit translation brief; not being

experts in intercultural communication, they often do not know that a good brief spells a better translation. (Nord, 2014: 30)

Este excerto realça a importância da comunicação entre o cliente e o tradutor que, em muitos casos, não só ajuda o tradutor a compreender melhor e mais aprofundadamente o que o cliente pretende, mas ajuda também o próprio cliente a contribuir para um melhor texto de chegada. Na realidade, parece-me que, muitas vezes, o cliente não considera as informações que devem constar da encomenda de tradução, tanto por falta de conhecimento das mesmas, como pela pouca preocupação no que toca ao processo tradutivo (não no sentido de não o considerar necessário, mas mais em relação à complexidade que lhe atribui). É aqui que a comunicação entre ambos passa a ter uma função importante, isto é, a de tornar as exigências do cliente mais claras, garantindo simultaneamente que o texto de chegada contém o necessário para satisfazer o *skopos*. Essa comunicação pode, no entanto, ter algumas falhas, principalmente quando a encomenda de tradução não é clara ou completa – isto pode criar lapsos na compreensão do tradutor, levando a que o texto de chegada não consiga ir ao encontro do efeito pretendido pelo cliente. Tendo este sido um problema constante durante o estágio curricular, a secção seguinte aborda o impacto que os clientes tiveram ao longo desse período, analisando mais detalhadamente o modo como isso afetou o trabalho desenvolvido.

III. A influência do cliente na qualidade da tradução

Sendo o cliente o principal responsável pelo início do processo tradutivo, é importante considerar o seu impacto no trabalho do tradutor, quer seja positivo ou negativo. Para o fazer no âmbito deste relatório, esta terceira parte visa analisar de forma mais aprofundada o modo como os clientes influenciaram o meu trabalho, de forma que as conclusões possam vir a ser aplicadas ao trabalho de mais tradutores, e não apenas ao contexto de um estágio curricular. Para tal, seguem-se três secções. A primeira contextualiza o tema do relatório relativamente à experiência do estágio, descrevendo os motivos que me levaram a escolhê-lo. As duas secções que se seguem, relativas ao impacto positivo e negativo, respetivamente, pretendem descrever mais detalhadamente os fatores que definem cada um, sempre com base no trabalho desenvolvido no estágio.

3.1. Da experiência do estágio à escolha do tema do relatório

O envolvimento do cliente nas minhas traduções durante o estágio não foi ao encontro das expectativas que criei durante o Mestrado, fortemente associadas à ideia de encomenda de tradução e ao modelo de análise do texto de Christiane Nord: após a entrevista, no momento em que recebi os testes de admissão por correio eletrónico, enviei de imediato um conjunto de questões relativas aos respetivos textos como forma de conseguir tomar decisões mais bem informadas – nomeadamente sobre qual seria o público-alvo. Recebi a resposta de que teria de deduzir essas informações sozinha, uma vez que raramente são facultadas pelo cliente. Nesse momento, soube que o mesmo iria suceder durante o estágio e que é, provavelmente, uma realidade comum a grande parte dos tradutores e empresas de tradução. À medida que fui realizando mais traduções, mais recorrentes foram os problemas tradutivos que encontrei devido à falta de informação e a lapsos que seriam facilmente evitáveis se o envolvimento dos clientes no processo de tradução tivesse sido mais forte. Paralelamente, também me fui apercebendo de que, nas situações que envolviam clientes que, logo de início, apresentavam as suas exigências relativas ao texto de chegada, a tradução era muito mais fluida, os problemas de tradução eram significativamente reduzidos e o produto final acabava por ter uma qualidade superior.

Por esta razão, refleti acerca de como estes fatores influenciaram o meu trabalho, o que me levou a concluir que não eram apenas as minhas próprias dificuldades enquanto tradutora iniciante que afetavam o meu trabalho negativamente. Por vezes, a falta de instruções e a precariedade do material fornecido de origem pelo cliente tinham uma influência negativa na minha capacidade de

resolução de problemas, uma vez que, assim que me apercebia da sua existência, acabava por ficar mais ansiosa ainda antes de começar a tradução, o que afetava negativamente a tradução no seu todo. Da mesma forma, ao dar início a traduções cujo cliente enviava um conjunto completo de materiais, a forma como encarava o projeto era muito mais positiva, o que me permitiu criar um texto de chegada mais fluente e em conformidade com as exigências do cliente. Tanto o envolvimento negativo como o positivo têm também uma grande influência na capacidade do tradutor de cumprir, ou não, o prazo estipulado pelo próprio cliente – por vezes, este ignora o tempo perdido por parte do tradutor a pesquisar algo relativo à tradução, ou até a tentar descodificar abreviaturas pouco comuns (algo que será referido na secção 3.2.1.). Por outro lado, ao facilitar a tradução através do envio de todas as informações necessárias, poderá até verificar-se um melhor aproveitamento por parte do tradutor que, em alguns casos, conseguirá terminar o seu trabalho antes do prazo. Uma situação assim é extremamente vantajosa para ambas as partes, uma vez que, ao terminar a tradução mais cedo, sobra mais tempo para fazer uma verificação mais cuidadosa e até redobrada.

Desta forma, pude concluir que, apesar de ter encontrado frequentemente muitos obstáculos devido a uma falta de cuidado por parte do cliente, também devo admitir que houve muitos projetos bem-sucedidos exatamente porque os respetivos clientes enviaram material suficiente para que não pudessem surgir dúvidas ou problemas graves durante todo o processo tradutivo. Considero extremamente importante ter uma noção geral desta realidade, não só para ir criando alternativas de trabalho que permitam ao tradutor lidar com ela, mas também para identificar um determinado tipo de comportamentos que devem ser evitados, uma vez que acabam por ser apenas obstáculos que poderão afetar negativamente o trabalho de todos os tradutores. O cliente deve ter noção do impacto que tem na tradução não só para garantir a boa qualidade do texto de chegada, mas também para que possa alterar os seus comportamentos, de modo que possa aprender a trabalhar em conjunto com tradutores ou empresas de tradução, conseguindo tirar melhor partido dos seus serviços.

Assim, partindo da reflexão sobre o modo como a qualidade das minhas traduções variou em função dos meios de que dispus durante o estágio curricular, o objetivo desta terceira parte do relatório é distinguir entre a influência positiva e a influência negativa do cliente, explicar em que consiste cada uma (ou seja, apresentar as razões pelas quais pude considerar a influência de um cliente positiva ou negativa) e, após realizar essa apresentação, fazer uma sistematização dos problemas e do modo que estes tiveram impacto nas minhas tarefas. Para alcançar este objetivo, começarei por introduzir a influência positiva e as razões pelas quais a classifiquei como tal,

seguindo-se uma exposição dos vários tipos de influência negativa que foram afetando o meu trabalho ao longo do estágio curricular.

3.2. Impacto positivo do cliente

Apesar de se tratar de situações muitíssimo menos frequentes do que os problemas devido a falta de cuidado dos clientes, é importante referir todas as vezes em que o sucesso das minhas tarefas foi impulsionado pelo seu envolvimento positivo. Antes de passar à enumeração das maneiras como tal pode acontecer, e uma vez que esta reflexão é completamente baseada na minha experiência durante o estágio curricular, é importante referir primeiro que será deixada de parte a prontidão da resposta em caso de envio de dúvidas – uma vez que tal sucedeu muito poucas vezes, não me foi possível recolher informações suficientes de forma a poder tirar conclusões quanto ao período de tempo normal necessário para responder às dúvidas do tradutor. Uma vez que nunca entrei diretamente em contacto com os clientes, e com base nas informações que recolhi através dos/as gestores/as de projeto da empresa, irei assumir para efeitos do relatório que a encomenda de tradução se resumiu sempre aos materiais a que tive acesso em cada caso. De acordo com estes pressupostos, passo agora a enumerar as formas como o cliente pode contribuir, direta ou indiretamente, para uma boa tradução, bem como para que o tradutor consiga realizar o seu trabalho sem interrupções desnecessárias e sem encontrar obstáculos evitáveis.

3.2.1. Disponibilização de um guia de estilo para cada tipo de tradução

O guia de estilo é um material que não é sempre necessário, mas que representa uma ajuda preciosa na realização de uma tradução, principalmente quando se trata do primeiro projeto para um determinado cliente – no início, é difícil para o tradutor compreender o que o cliente pretende relativamente às características gerais do texto, por exemplo, ao seu grau de formalidade. Dou como exemplo um projeto relativo a motas: apesar de o texto de partida ser especificamente sobre a cobertura de um determinado seguro em caso de avaria, o guia de estilo enviado pelo cliente explicitava que, dependendo do modelo em causa, o tratamento deveria ser diferente. Caso se tratasse de um certo modelo, mais orientado para um público jovem e aventureiro, deveria ser utilizada a segunda pessoa do singular. Se se tratasse de um outro modelo mais sofisticado e, conseqüentemente, mais caro, seria necessário utilizar uma linguagem mais formal, incluindo o tratamento formal com a 3.^a pessoa – o público-alvo deste modelo seria mais velho, estando à espera de ser tratado de forma diferente. Desta forma, o cliente incluiu na encomenda de tradução

informações extremamente importantes sobre o objetivo e o público-alvo do texto de chegada, aproximando-se da situação ideal descrita pelas teorias funcionalistas que foi referida no início da secção 2.3.2. Para além de dar indicações sobre o público-alvo e a forma de tratamento, o guia de estilo pode ainda conter diversas outras informações úteis ao tradutor. De forma a conseguir explicar claramente o modo como o guia de estilo me ajudou nas minhas tarefas de tradução, irei basear-me num guia específico disponibilizado por um dos clientes com que trabalhei, e cuja secção dedicada à língua portuguesa se encontra em anexo¹⁴.

Uma questão que foi levantada em quase todos os projetos por que fui responsável esteve relacionada com a escolha entre utilizar o infinitivo e o imperativo – uma decisão que se tornou mais complicada ao traduzir do inglês do que do alemão, uma vez que o segundo distingue as duas formas através da utilização do pronome pessoal “Sie”, que acompanha o imperativo formal, apesar de ter havido situações em que, mesmo encontrando a forma “Sie” no texto de partida, o cliente havia exigido que fosse utilizado o infinitivo em português. Num caso em particular, o cliente pediu a utilização do imperativo para todas as suas traduções, eliminando desde logo um dos vários obstáculos que, apesar de não ser crítico, acaba por contribuir para uma perda de tempo desnecessária – as memórias de tradução incluíam frequentemente tanto o imperativo como o infinitivo, criando uma dúvida constante.

É ainda de referir a questão das maiúsculas: em textos escritos em inglês, é muito frequente encontrar substantivos com a primeira letra maiúscula – no entanto, a gestora de projeto com que trabalhei mais vezes informou-me, através do *feedback* que me enviou, que devia evitar fazer o mesmo em português. É por isso que ter esta questão esclarecida num guia de estilo elimina, mais uma vez, uma eventual dúvida por parte do tradutor – o cliente acima referido explicitou no seu guia de estilo que todas as maiúsculas em inglês seriam para manter.

A questão das abreviaturas também revelou ser um problema constante. Fui muitas vezes obrigada a perder algum tempo a fazer pesquisas na internet de modo a conseguir compreender o que significavam, tendo havido situações em que tal não foi sequer possível, o que gerou atrasos na entrega dos projetos. O guia de estilo que apresento como exemplo em anexo ao presente relatório elimina por completo este problema, uma vez que apresenta uma tabela extensa com todas as abreviaturas relevantes para a tradução, de modo que seja rapidamente possível compreender a que é que se referem determinadas abreviaturas. O mesmo se pode aplicar a marcas registadas: normalmente, não há margem para dúvidas devido à presença do símbolo “™” ou “®”, que indicam tratar-se de uma marca registada. No entanto, houve casos em que haviam sido omitidos,

¹⁴ Pode ser consultado no Anexo II. Contudo, este guia de estilo não contém informações relativas à forma de tratamento (formalidade) – esta instrução foi adquirida em projetos posteriores para outro cliente.

o que levou a mais pesquisa para confirmar se, de facto, se tratava de uma marca registada, de um modelo de um dispositivo que pudesse ter uma tradução oficial para português, entre outros. Nestas situações, mesmo sabendo que se trata de uma marca registada (que não pode ser traduzida), é sempre importante saber do que se trata, de modo a escolher corretamente o género dos artigos e nas terminações de verbos e adjetivos. Por exemplo, no guia de estilo em anexo, são referidas marcas relativas a sistemas, *software* e modelos, mas há também revistas. Esta diferenciação acaba, assim, por ser extremamente importante para que, mais tarde, não surjam quaisquer lapsos em termos de concordância de género, como empregar o artigo feminino com o nome próprio de um modelo e o artigo masculino com o nome próprio de uma revista. No final da secção relativa a marcas registadas, são ainda indicados os casos em que se deve utilizar “™” ou “®” para garantir uma maior consistência em todo o texto de chegada.

Estas questões poderão parecer pouco relevantes à primeira vista, mas acabam por conceder uma maior segurança ao tradutor, na medida em que, perante qualquer dúvida a que sejam aplicáveis as instruções incluídas no guia de estilo, saberá de imediato que basta uma consulta rápida do mesmo para conseguir continuar a tradução. Isto poderá contribuir para um texto de chegada significativamente mais fluido, uma vez que elimina as interrupções mais demoradas do tradutor.

3.2.2. Fornecimento de formulários com perguntas e respostas relativamente a traduções anteriores para português e para outras línguas

Por vezes surgem dúvidas que terão sido comuns a outros tradutores que lidaram com o texto original em fases anteriores. Durante o estágio, estas dúvidas estiveram frequentemente relacionadas com abreviaturas e, por vezes, siglas. Houve situações em que não foi de todo possível encontrar uma solução para o problema, tendo sido necessário entrar em contacto com o cliente de modo a conseguir perceber os seus significados e se podiam ser traduzidas ou não. Isto acabava por criar novos atrasos, uma vez que, para além de se ter estado muito tempo a tentar encontrar uma solução para o problema (que dificilmente seria conseguida sem o auxílio do cliente), pode ser necessário esperar bastante tempo por uma resposta (por exemplo, caso seja uma dúvida que surja no final do dia, situação na qual o cliente poderá responder apenas no final do dia seguinte, mesmo que o prazo tenha sido estipulado para mais cedo). Todavia, nos casos em que o problema passa por não ser possível compreender o significado de uma abreviatura ou de uma

sigla, há uma elevada probabilidade de outros tradutores¹⁵ terem tido exatamente a mesma dúvida. Nesse caso, terão também entrado em contacto com o cliente para resolver o problema. Idealmente, esse esclarecimento, registado sempre através de um *query*¹⁶ fornecido pelo cliente ou pela empresa de tradução responsável, seria reencaminhado para todos os outros tradutores com quem o cliente trabalhe, de forma a conseguir abranger o maior número possível de dúvidas que pudessem surgir. Contudo, isto nem sempre se verifica. Num caso específico com que me deparei durante o estágio curricular, notei que havia uma grande quantidade de siglas e abreviaturas que necessitaram de muito trabalho para descodificar, nomeadamente porque eram específicas do cliente, ou seja, tinham sido criadas apenas para aquele projeto. Não se tratando de siglas universalmente utilizadas tais como, por exemplo, “ggf.” (*gegebenenfalls*), “u.a.” (*und andere*) ou “evtl.” (*eventuell*), seria completamente impossível encontrá-las (pelo menos com a brevidade suficiente para conseguir ir ao encontro do prazo estipulado). Muitas das vezes, isto aconteceu em função do tipo de projeto em causa, nomeadamente devido ao facto de uma parte dos segmentos ter limite de caracteres, tornando obrigatório o uso de abreviaturas pouco comuns.

Houve também a questão dos termos não traduzíveis. Ao encontrar termos cuja tradução não era clara, foi preciso entrar em contacto com o cliente. Foi muito frequente receber uma resposta a indicar que o termo não era, de facto, traduzível. Este tipo de impasse seria facilmente evitado se o tradutor tivesse recebido uma lista de termos não traduzíveis (normalmente referidos como DNT – *Do Not Translate*), o que acaba por ir ao encontro da questão do guia de estilo, tratada na secção anterior.

No âmbito desta secção, é importante referir que trabalhei também em vários projetos em que o cliente disponibilizou de imediato *queries* anteriores com conjuntos de dúvidas enviadas por outros tradutores. Apesar de ter acontecido incluírem perguntas relativas a termos que não se encontravam na tradução em que estava a trabalhar no momento, houve situações em que só através dessas respostas anteriores é que me foi possível eliminar quaisquer dúvidas que teriam surgido caso não tivesse tido acesso ao documento. Mais uma vez, durante a consulta ao material de apoio fornecido pelo cliente, o acesso a estas partilhas de informação acaba por levar a um melhor trabalho por parte do tradutor, na medida em que há um maior apoio e uma redução significativa do tempo passado a procurar soluções que, sem contactar o cliente, seriam impossíveis de encontrar. A disponibilização deste tipo de dados revela uma maior sensibilidade do cliente relativamente ao papel do tradutor, na medida em que compreende quais as dúvidas que poderão surgir.

¹⁵ Refiro-me a tradutores que terão trabalhado com o mesmo cliente, mas que terão traduzido para outras línguas.

¹⁶ Pode ser consultado no Anexo III o formulário padrão da L10N Studio, Lda.

3.2.3. Memórias de tradução e bases terminológicas

Apesar de raramente ter recebido projetos sem qualquer memória de tradução ou base terminológica, notei diferenças entre os diversos clientes com os quais trabalhei, assim como entre os projetos de cada cliente – por exemplo, tendo o mesmo cliente projetos de equipamento industrial e projetos de marketing. Neste contexto, não tenciono referir-me à presença ou à falta de memórias de tradução ou de bases terminológicas, uma vez que foram quase sempre enviadas, mas antes ao facto de estarem, ou não, completas.

Principalmente nas ocasiões em que trabalhei com o *software* Trados SDL, notei diferenças entre os muitos projetos que recebi. Por vezes, apesar de haver uma memória de tradução, esta continha muitas entradas idênticas, o que não me permitia perceber qual seria a mais correta. Também no que toca às bases terminológicas, os mesmos termos apresentavam mais do que um resultado, não especificando se havia um preferido ou se cabia ao tradutor escolher aquele que considerava mais adequado em determinado contexto. Parti sempre do princípio de que não seria possível enviar estas especificações sem ser através de um documento à parte – algo que também pude experienciar com um dos clientes, que para alguns projetos enviava adicionalmente um documento Word no qual explicava os termos que preferia, assim como expressões (por exemplo, um cliente explicitava sempre para os projetos de marketing que se devia evitar o uso da expressão “graças a”, optando por “através de” ou “com”). Contudo, a experiência do estágio mostrou-me que havia outras soluções para lidar com a multiplicidade de alternativas de tradução. Trabalhei em projetos nos quais, após fazer uma pesquisa de concordância para um determinado termo, encontrava bastantes resultados diferentes, sendo-me, no entanto, possível optar pelo mais adequado devido ao facto de algumas entradas terem a coluna “Status” preenchida com a expressão “Client Approved”. Este pormenor permitiu-me fazer algumas escolhas muito mais rapidamente e com a certeza de que estariam corretas. Passei também por uma experiência semelhante relativamente a bases terminológicas – em alguns casos mais raros, o cliente disponibilizou as suas opções de preferência e até os termos que pretendia que fossem evitados. Mais uma vez, isto contribuiu para um trabalho mais fluido, evitando possíveis confusões devido a uma falta de informação.

3.3. Impacto negativo do cliente

O cliente tem um papel preponderante na tradução. Sem ele, não haveria um texto a ser traduzido, mas a sua influência neste processo vai muito além da decisão sobre a existência, ou não, da encomenda de tradução. A partir do momento em que comecei as aulas do Mestrado, fui-me apercebendo de que muitos dos responsáveis pelo início da tradução a encomendam como se fosse algo automático, que implica apenas redigir um texto de chegada com o auxílio de dicionários. Há um esquecimento geral por parte do cliente em relação à necessidade de prever determinados problemas que podem ser atempadamente evitados, como foi discutido na secção anterior. O trabalho por mim desenvolvido durante o estágio foi frequentemente influenciado pelo modo como o cliente se envolvia (ou não) na tradução, o que me permitiu aperceber-me de quais os problemas mais comuns a esse respeito. Além disso, notei também que alguns problemas se verificavam repetidamente com o mesmo cliente, o que, desde logo, conseguia ter um impacto negativo ainda antes de dar início ao processo tradutivo. De seguida, serão destacadas aquelas que foram as falhas mais frequentes ao longo do meu trabalho.

3.3.1. Erros no texto de partida

A presença de erros no texto de partida, independentemente do tipo de erro, é um grande obstáculo a uma tradução fluida e sem interrupções desnecessárias para o tradutor. É por isso que um dos passos mais importantes a dar antes de enviar o texto para ser traduzido, é certificar-se de que não contém quaisquer erros que possam levar a dificuldades de interpretação: qualquer tipo de gralhas poderá obrigar o tradutor a perder demasiado tempo a tentar compreender algo. No meu caso, sendo uma tradutora iniciante, parti do princípio de que algumas dificuldades tivessem origem apenas na minha falta de experiência. Por esta razão, ao deparar-me com uma gralha numa tradução de alemão para português, passei mais tempo do que o estritamente necessário a confiar no texto de partida, pensando que a falha na compreensão seria minha. Dou como exemplo a escrita de “wird” como “wir” na frase seguinte: “Unser gemeinsames technologisches Angebot wir ein neues Maß an Sicherheit, Komfort und Personalisierung für die Fahrzeuge der Zukunft ermöglichen”. Apesar de fazer mais sentido tratar-se de uma gralha em que apenas falta uma letra, o tradutor é levado a pensar que poderá, eventualmente, faltar algo mais. Na altura em que li esta frase durante a tradução, traduzi como se fosse “wird”, tendo comunicado a questão à gestora de projeto. Não deixa de ser, no entanto, algo a que se tem de prestar mais atenção para não levantar

quaisquer dúvidas durante o trabalho. Apresento ainda outro exemplo, mas numa tradução de inglês para português: “Country-specific regulations may apply. In this case you find the relevant information for the local specifics in the separate information which will be provided to you, if relevant for your application”. Neste caso, “specificies” deveria antes ser “specified”. Uma vez que se tratava de um projeto bastante extenso, o facto de não ter conseguido compreender a frase à primeira tentativa fez com que houvesse uma quebra no ritmo de trabalho, não conseguindo perceber de imediato onde estava o erro.

Uma das razões que pode levar à persistência de gralhas é o facto de o cliente não querer pagar um serviço de revisão do texto de partida. Durante o estágio, trabalhei com inúmeros projetos cujos textos de partida continham erros típicos de um texto que não foi lido uma segunda vez, não havendo uma preocupação com a sua compreensão. Além disso, a partir do momento em que se deteta uma gralha no texto de partida, deixa de haver confiança de que o resto do texto estará isento de erros. A tradução não será, assim, tão fluida como se não houvesse quaisquer gralhas óbvias, uma vez que o tradutor vai estar mais atento a essa possibilidade em vez de se concentrar completamente na compreensão do texto de partida tal como ele se apresenta e na sua tradução. Num artigo escrito em conjunto por Nahla Baidon, uma revisora da ONU, e por Ibrahima Diallo, também revisor, para a revista *The ATA Chronicle*, este problema é descrito resumidamente, mas de forma bastante completa:

A poor grammatical construction or a spelling mistake in the text can also create ambiguity (e.g., when “export specialists” was misspelled as “expert specialists,” or when “lessens the burden” appeared in the text as “lessons the burden”). Seemingly insignificant typing errors like these can cause a lot of unnecessary pain for the translator. This is the reason texts need to be edited carefully, but not all clients are ready to allocate the necessary resources to do this. (Baydoun & Diallo, 2017: 9)

Também não foi raro ter de fazer traduções de traduções: um texto original alemão traduzido para inglês, e do inglês teve de ser traduzido para português. Apesar de ter havido ocasiões em que tive acesso ao original para tirar eventuais dúvidas, nem sempre isso se verificou. Numa situação destas, será ainda mais difícil fazer com que o texto de chegada aparente ter sido escrito originalmente na língua de chegada, uma vez que não se sabe até que ponto haverá erros na tradução intermédia – neste caso, para inglês.

Um dos primeiros passos para uma boa tradução é uma boa compreensão do texto de partida – sem esta última, dificilmente o tradutor conseguirá processá-lo de forma adequada à intenção do cliente, e acaba por também ele levar alguns dos erros para o texto de chegada.

3.3.2. Inexistência de memória de tradução e/ou de base terminológica

Independentemente da extensão do projeto, o facto de não haver memória de tradução e/ou base terminológica é sempre um inconveniente, principalmente quando ocorre nas situações em que também não é enviado um guia de estilo. Normalmente, as memórias de tradução dizem muito sobre aquilo que o cliente pretende, e acabam por servir de guia durante todo o processo tradutivo. A partir do *feedback* do cliente, as memórias vão sendo atualizadas de acordo com aquilo que foi ou não aceite por ele em projetos anteriores, demonstrando ao tradutor o rumo que deve seguir no texto de chegada. O mesmo se aplica às bases terminológicas. Ao não especificar a tradução de determinados termos, é dada ao tradutor uma liberdade de escolha demasiado grande que o pode levar a não tomar as decisões que mais possam ir ao encontro do que o cliente pretende. A falta de memória de tradução ou de uma base terminológica atualizada mostrou ser particularmente inconveniente no início do estágio, uma vez que foi uma altura em que eu ainda não possuía experiência suficiente nas áreas com que viria a trabalhar durante os cinco meses. Consequentemente, sem o auxílio destas ferramentas, tive uma dificuldade acentuada em tomar determinadas decisões – é nestes casos que a confiança profissional do tradutor tem um papel importantíssimo, permitindo que este consiga optar por uma certa tradução mais rapidamente, mesmo que não tenha todas as ferramentas necessárias. Sem essa confiança e sem o apoio por parte do cliente, é provável que a dúvida seja uma constante no projeto em questão, principalmente no que respeita a traduções em áreas mais especializadas e nas quais o tradutor não tem tanta experiência.

É também nesta secção que se torna mais uma vez pertinente falar das siglas, acrónimos e DNT, abordados na secção anterior no âmbito da importância do guia de estilo. Ao traduzir um dado texto, a consulta constante do guia de estilo para se garantir que este está a ser corretamente seguido torna-se cansativa – principalmente quando é demasiado extenso (mais do que duas páginas), obrigando a que o tradutor esteja constantemente a pesquisar no documento aquilo que pretende, tendo de alternar entre as janelas do computador várias vezes. É por esta razão que se torna muito mais conveniente colocar as siglas, acrónimos e DNT numa base terminológica. Desta forma, há um controlo permanente do cumprimento dos requisitos do cliente, sendo ainda possível detetar um erro relativo a esses elementos na fase da verificação final. Quanto menos o tradutor

tiver de minimizar o *software* utilizado para realizar o seu trabalho, mais fluido este passa a ser, aumentando a concentração no texto de chegada que está a ser criado.

Noutras situações, pode ainda acontecer não só o tradutor ter apenas acesso a um glossário externo (ou seja, um documento Excel com alguns termos e as respetivas traduções aprovadas pelo cliente), mas receber adicionalmente mais do que um glossário que deve obrigatoriamente consultar. Isto pode acontecer por várias razões, sendo uma delas o facto de o cliente pretender um glossário para produtos diferentes, por exemplo. Para além do inconveniente de ter de minimizar as janelas para uma consulta constante de forma a garantir que todas as exigências relativas à terminologia foram cumpridas, torna-se extremamente difícil memorizar quais os documentos que devem ser consultados de cada vez que surge uma dúvida. A partir do momento em que os glossários fornecidos pelo cliente não podem ser importados para a ferramenta utilizada pelo tradutor e em que há vários documentos a serem consultados, não só é provocado o cansaço desnecessário do tradutor, como há uma enorme perda de tempo frequentemente vã, uma vez que nem sempre se garante que o termo pesquisado conste de qualquer um desses documentos.

Como já foi referido nesta secção, a incorporação das bases terminológicas na ferramenta utilizada pelo tradutor torna o seu trabalho significativamente mais simples, acabando por conferir ao texto de chegada uma maior garantia de qualidade, uma vez que o tradutor é avisado sempre que não utiliza um determinado termo. Ao realizar a verificação final num programa à parte que, no meu caso, foi o Verifika, é possível importar a base terminológica de forma a garantir que todos os termos foram traduzidos em conformidade, bastando ao tradutor verificar se os erros que encontra são, de facto, erros, ou apenas falsos positivos – no caso de, por exemplo, erros com base no número ou género de determinadas palavras. Dou como exemplo o pronome “dieser”, numa tradução de alemão para português: a base terminológica detetou o termo como sendo “diesel” em vez de “dieser”, o que originou várias ocorrências no relatório de erros de algo que não estava verdadeiramente errado.

3.3.3. Inconsistências entre as memórias de tradução, segmentos bloqueados e bases terminológicas

Dependendo do cliente e do projeto, as memórias de tradução foram quase sempre, durante o estágio, a grande base das minhas traduções. Sem elas, a tradução torna-se mais trabalhosa, uma vez que não há qualquer ideia de como o cliente pretende ver o resultado final do trabalho. Todavia,

a sua disponibilização nem sempre garantiu uma tradução fluida e sem interrupções – e o mesmo se aplicou às bases terminológicas.

Apesar de não ser muito frequente, aconteceu algumas vezes receber projetos com muitos segmentos bloqueados, bem como Context Match (CM) e 100%: estes são os segmentos que correspondem completamente ao que se encontra na memória de tradução e que, supostamente, terão sido aprovados pelo cliente noutros projetos. Dependendo do cliente, poderão ou não ser alterados, consoante o projeto em questão. Podem ser extremamente úteis, uma vez que as memórias de tradução são muitas vezes claras relativamente à preferência do cliente por determinados termos, mas também podem criar mais obstáculos ao tradutor. A existência de segmentos CM ou 100%, bem como bloqueados, pode ajudar bastante se, por acaso, incluírem os termos que o tradutor estava a procurar e se houver consistência entre eles. No entanto, há uma grande probabilidade de as informações acabarem por se contradizer, havendo ainda casos em que é possível consultar o respetivo sítio da internet em que se encontrem, por exemplo, os produtos que são mencionados num determinado projeto (por exemplo, ao traduzir um catálogo), e que trazem ainda mais incoerências. Durante o estágio curricular, deparei-me com uma situação em que fui informada de que as informações *online* eram, de facto, de confiança, o que, de certa forma, apenas aumentou a minha dúvida na tradução, uma vez que o cliente não especificou qual o material que tinha prioridade. Todo o material que possuía naquele momento era aprovado pelo cliente, não tendo forma de saber o que é que deveria aplicar.

Num caso específico, recebi um texto de partida para traduzir no Trados SDL. Como é frequente, existiam alguns segmentos bloqueados. Perante o termo “Wertstoffsammler”, consultei primeiramente a memória de tradução, verificando que havia sido anteriormente traduzido para “caixote de reciclagem”. Já no segmento bloqueado, era “coletor de materiais recicláveis”. Não constando o termo original na base terminológica, e não tendo eu grande experiência sobre como proceder numa situação assim, optei por entrar em contacto com a gestora de projeto, uma vez que não sabia de todo como superar este problema. A solução que me foi apresentada foi que faria mais sentido manter a coerência no texto de chegada, ignorando assim os resultados diferentes da memória de tradução (mesmo que tenham sido aprovados pelo cliente num outro projeto).

Apesar de ter apresentado um obstáculo que acabou por me fazer desperdiçar bastante tempo até perceber que teria mesmo de contactar a gestora de projeto, esta situação não foi recorrente durante os cinco meses de estágio – mesmo que houvesse inconsistências, tive apenas de confirmar que a memória de tradução continha várias entradas recentes para a mesma tradução e, dessa forma, poderia sobrepor-se a segmentos bloqueados, mesmo que estivessem identificados como CM ou 100%. No entanto, a dúvida surge sempre e, por vezes, há ainda outra questão: saber se é

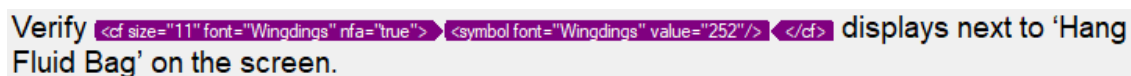
possível alterar os segmentos CM ou 100% – os clientes poderão pedir especificamente que não sejam alterados, tendo o tradutor de optar ou pela consistência, ou pelo que, na sua opinião, é a tradução mais adequada.

3.3.4. Bases terminológicas com erros

Como já foi referido anteriormente, a regra que foi comum a praticamente todas as minhas tarefas de tradução foi sempre a de dar prioridade às bases terminológicas, independentemente do cliente – salvo ocasiões em que este especificasse algo diferente. A única exceção que teria de ter sempre em mente seria o contexto, uma vez que normalmente não era especificado quando é que seria necessário aplicar um determinado termo. Assim, estando preparada para ter sempre atenção às orientações da base terminológica dos projetos que me eram atribuídos, ao encontrar termos que me eram desconhecidos acabava por confiar de imediato que os seus resultados eram corretos e de aplicação obrigatória. Todavia, isso acabou por se tornar desadequado exatamente devido à eventual existência de erros, tendo havido uma situação em particular, no início do estágio, que me alertou para este problema: num projeto de tradução relativo à área do equipamento industrial, mais precisamente equipamentos de movimentação de cargas, deparei-me com o termo “senken”. Tratando-se de um termo que, na altura, desconhecia, reparei de imediato que se encontrava na base terminológica, apresentando como tradução para o português “movimentação lateral”. Numa situação normal, e caso o termo não surgisse na base terminológica, teria ido consultar o seu significado em alguns dicionários bilingues. Porém, dada a minha falta de experiência e conhecimento na área, não questionei – pareceu natural que um equipamento de movimentação de cargas tivesse efetivamente a função de mover objetos lateralmente. Consequentemente, só me consegui aperceber do erro algum tempo depois, quando “movimentação lateral” deixou de fazer sentido no contexto geral do texto, nomeadamente ao aparecer mais frequentemente junto de “heben”. Naquele momento, apesar de verificar que quase todas as entradas na memória de tradução utilizavam termos como “baixar” ou “descer”, eu já tinha sido anteriormente advertida para o facto de as bases terminológicas serem atualizadas mais frequentemente, sendo estas mais corretas e, consequentemente, fiáveis. Mais uma vez, acabou por ser necessário entrar em contacto com a gestora de projeto de modo a esclarecer a dúvida e chegou-se à conclusão de que seria necessário contactar o cliente para que este pudesse resolver o problema através de uma atualização da base terminológica. Estas discrepâncias entre as informações fornecidas pelo cliente foram mais recorrentes do que desejado, e acabaram por estar fortemente associadas a outro tipo de problema que será a seguir abordado.

3.3.5. Qualidade e quantidade de materiais fornecidos

Mesmo tendo uma base terminológica corrigida juntamente com uma memória de tradução repleta de entradas consistentes, continua a sobrar espaço para dúvidas tanto por faltar material ou especificações, como pela qualidade dos mesmos. O material e/ou especificações a que me refiro englobam, por exemplo, documentos Word em que o cliente esclareça o que deve e não deve ser traduzido (algo que, no entanto, já poderia vir designado na base terminológica), bem como suportes multimédia – particularmente importantes para a tradução de instruções de montagem de dispositivos/equipamentos ou de textos que descrevem a utilização de *software*, para os quais é sempre ideal ter acesso a *screenshots* do resultado final. Dou como exemplo o segmento seguinte:



```
Verify <cf size="11" font="Wingdings" nfa="true"> <symbol font="Wingdings" value="252"> </cf> displays next to 'Hang Fluid Bag' on the screen.
```

Figura 1: Segmento no Trados SDL em que as etiquetas dificultam a compreensão

Esta imagem exemplifica um problema constante no que respeita à tradução de manuais com diversas figuras relativas ao que é suposto o utilizador fazer no *software* em questão. Neste caso, as etiquetas (*tags*) representam um símbolo que supostamente surge no visor à medida que o utilizador segue as instruções que são alvo de tradução. Uma vez que é comum surgirem etiquetas que podem ser ignoradas ou que não obrigam a nenhuma alteração da frase, é extremamente importante o tradutor ter acesso ao documento original (neste caso, idealmente, um PDF do manual de instruções em inglês), de forma que possa rapidamente verificar se, de facto, se trata de um símbolo ou não. Caso contrário, a palavra “displays” poderia ser vista como um substantivo em vez de verbo, o que faria com que a frase fosse erradamente traduzida para português, como é apresentado a seguir:

Verify X displays next to ‘Hang Fluid Bag’ on the screen.

Tradução incorreta no contexto: Verifique as indicações X junto a ‘Hang Fluid Bag’ (pendure o saco de fluido) no ecrã.

Tradução correta no contexto: O símbolo X é apresentado junto a ‘Hang Fluid Bag’ (pendure o saco de fluido) no ecrã.

Uma das situações que se tornou particularmente difícil para mim esteve estreitamente relacionada com o ponto 3.3.3., uma vez que a dúvida começou exatamente por causa de uma inconsistência entre a memória de tradução e a base terminológica – tratou-se de uma tradução inserida na área do equipamento industrial, mas que tinha também a vertente do *software*, dado que o texto iria ser inserido numa interface dirigida a operadores de equipamentos de movimentação de cargas. Os termos em questão eram muito simples: “Taster” e “Schalter”. Normalmente, o primeiro é traduzido por “botão” ou “tecla” e o segundo por “interruptor”, o que estava adicionalmente definido na respetiva base terminológica. No entanto, surgiu a já referida inconsistência: nos segmentos com 100% e CM, ambos os termos em alemão eram aleatoriamente traduzidos quer para botão, quer para interruptor, não permitindo compreender qual era o que melhor se adequava naquele contexto específico. Foi nesta altura que se revelou a importância do material enviado. Nestas situações, aquilo que pode ser uma ajuda preciosa é exatamente um conjunto de *screenshots* que consigam demonstrar como será o produto final, para que seja possível saber o que faz mais sentido visualmente para o público-alvo. Desta forma, seria extremamente útil ter acesso a diversas imagens que mostrassem exatamente qual seria o aspeto do “Schalter”. Através da experiência que adquiri na L10N Studio, Lda., percebi que é raro o tradutor ter acesso a este tipo de recurso, tendo de tomar as suas próprias decisões dentro do que considera adequado no contexto que tem naquele momento. Neste caso específico, o cliente acabou por nos enviar *screenshots*, mas tal não foi o suficiente para traduzir com o máximo de certeza possível: a qualidade das imagens não era a ideal, nem a quantidade era a suficiente para que pudesse alcançar as conclusões a que pretendia chegar. Acabei por optar por traduzir para “botão”, não esquecendo que, mesmo no texto de partida, a dúvida se mantinha – relativamente aos botões que iriam surgir no ecrã do operador, o original tanto apresentava “Schalter” como “Taster”, agindo da mesma forma com interruptores e/ou botões que se encontravam na estrutura do aparelho da qual fazia parte a interface. Esta indiferenciação no texto de partida foi o que causou, em grande parte, a dúvida no projeto, e que, mais uma vez, teria sido facilmente evitada.

Dentro do mesmo tipo de questões, surgiu um outro exemplo. Tratou-se de um projeto inserido na área do *software*, e cujo texto de chegada foi integrado numa aplicação para smartphones. Era uma espécie de auxiliar para clientes que possuíssem painéis solares, sendo que, através da aplicação, seria possível controlar os painéis remotamente. Apesar de não me ter sido enviado diretamente nenhum material, o cliente indicou que seria possível aceder ao sítio na internet (disponibilizando, também, uma hiperligação), onde seria possível explorar diversas informações relativamente à aplicação, incluindo vídeos. Por si só, isto já é extremamente importante, uma vez que vídeos instrutivos acerca de uma aplicação demonstram exatamente em que consiste cada ação

(supondo que se trata de um vídeo que inclui todas as ações possíveis de uma aplicação), não necessitando o tradutor de supor nada. Dito isto, tratei de ver todos os vídeos que se encontravam disponíveis – todavia, essa forma de exploração também me fez perder muito tempo, uma vez que, para procurar uma determinada ação, tinha de clicar em todos os subtítulos daquela página do sítio e ver os vídeos todos até ao fim de forma a encontrar aquilo que pretendia. Nesse projeto, cuja tradução foi realizada com o par de línguas inglês/português, uma das dúvidas que surgiu e que demorei algum tempo a conseguir compreender esteve relacionada com o termo “strings”. Antes de qualquer pesquisa e exploração do sítio na internet, tentei perceber do que se tratava: fios ou cabos. Até compreender a que é que “strings” se referia, tive de passar muito tempo a ver todas as páginas do sítio *online* da aplicação, bem como ver todos os vídeos correspondentes para conseguir determinar qual a função dos “strings”. Este é um exemplo de uma situação em que deveria sempre existir uma base terminológica que contivesse os termos básicos que garantem a consistência e qualidade de uma tradução.

3.3.6. Escolha da ferramenta de tradução

Segundo a experiência adquirida durante o estágio curricular, o cliente é quase sempre o responsável pela escolha do *software* que será utilizado pelo tradutor ou pela empresa de tradução para que o respetivo projeto seja concluído. A preferência pelas ferramentas varia de tradutor para tradutor, mas, durante o estágio curricular, houve sempre a noção de que havia aquelas com que nenhum(a) dos/das tradutores/as gostava de trabalhar. Isto deve-se a diversos fatores. Para compreender esta preferência, é importante salientar que o *software* mais amplamente utilizado e com o qual a grande maioria dos tradutores com quem trabalhei gosta mais de trabalhar é o SDL Trados, seguido do MemoQ (com o qual trabalhei em primeiro lugar nas aulas do Mestrado em Tradução). Apesar de terem as suas diferenças, há algo comum: os atalhos. Não são todos os mesmos, mas o principal é igual: [Ctrl]+Enter, que confirma o segmento em que o tradutor se encontra. Além disso, oferecem a possibilidade de alterar os atalhos, permitindo ao tradutor uniformizar ambas as ferramentas para não correr o risco de utilizar, por exemplo, os atalhos do Trados no MemoQ, o que por vezes resulta num comando não pretendido. O Trados 2007 e o Translation Workspace possuem um comando diferente para confirmar ([Alt]+ +) e para efetuar pesquisas na memória de tradução ([Alt] + ↑), tendo em conta que, geralmente, tal é realizado no SDL Trados clicando na tecla F3, sendo o equivalente no MemoQ [Ctrl]+K. Apesar de parecerem diferenças relevantes, é relativamente fácil para o tradutor adaptar-se a elas – são bastante intuitivas, uma vez que, apesar de diferentes, apresentam localizações semelhantes no teclado

(exceto a pesquisa na memória de tradução que, no entanto, pode ser alterada conforme a preferência do tradutor).

O Across, uma das ferramentas referidas na primeira secção deste relatório, não segue a mesma lógica. A primeira vez que trabalhei com este *software* fui de imediato avisada de que não era tão intuitivo como os outros e que convinha ter uma anotação com os seus atalhos mais importantes. A razão pela qual é considerado muito pouco intuitivo está relacionada com a disposição das teclas relativas aos atalhos – dois dos comandos mais utilizados, *Keep Source* e *Confirm*, são realizados através dos comandos [Alt]+E e [Alt]+R, respetivamente. Quanto à pesquisa na memória de tradução, é realizada através de [Ctrl]+[Shift]+C: um comando que não é, de todo, ideal, devido a ser composto por mais do que duas teclas. Além da interface pouco intuitiva, o Across tem uma outra desvantagem: a verificação (*Quality Assurance*). Tanto o Trados como o MemoQ (entre outros que deixo, por agora, de parte, devido ao facto de ter trabalhado muito mais com estes dois) realçam de forma evidente o tipo de erro que encontram. Dando como exemplo a terminologia, estas duas ferramentas apresentam sempre uma mensagem de erro que especifica qual o termo que não está de acordo com a base terminológica – uma funcionalidade útil para segmentos em que há mais do que um termo que conste da mesma. Pelo contrário, o Across apenas acusa o tipo de erro, nunca especificando qual o termo que não foi traduzido conforme a base terminológica. Principalmente em segmentos mais extensos que incluem três ou quatro termos do *Multiterm*, o tradutor acaba por ter um trabalho desnecessário à procura deles e de qual o que originou a mensagem de erro.

Um fator que em muito contribuiu para a falta de adaptabilidade ao Across foi o facto de se tratar de uma ferramenta com a qual trabalhei para projetos que pertenciam sempre ao mesmo cliente. Quer isto dizer que não consegui criar uma rotina com o *software*, ao contrário do que acontece com o SDL Trados e com o MemoQ, com os quais trabalhei praticamente todos os dias. Claro que, a longo prazo, é possível haver uma adaptação aos comandos que são mais necessários (ou seja, os que foram referidos no parágrafo anterior). No entanto, sempre que é necessário um comando com uma utilização menos frequente, é preciso interromper o trabalho para procurar qual o respetivo atalho.

Neste contexto é de referir também o XTM, uma ferramenta *online*. Tal como o Across, esteve sempre muito ligada a clientes específicos. Foram dois os principais problemas que detetei ao utilizar o XTM:

- Atalhos para a pesquisa na memória de tradução: não sendo possível realizá-la através do teclado, o tradutor é constantemente obrigado a tirar as mãos do teclado para o rato

de forma a conseguir visualizar os resultados, que abrem num novo separador. Este tipo de interrupção corta a fluidez do trabalho e acaba por atrasar o tradutor.

- Visualização geral: ao contrário de todos os outros programas com que trabalhei durante o estágio, o XTM não tem uma página única em que apresenta todos os segmentos daquela tradução. Em vez disso, cria páginas de 500 segmentos, pelas quais o tradutor tem de ir navegando para chegar ao fim da tradução. Sendo *online*, trata-se de um sítio que é frequentemente lento, não só ao confirmar segmentos como a mudar de página. Assim, é dificultada a pesquisa de palavras e de expressões, sendo preciso esperar sempre alguns segundos até conseguir encontrar o que se pretende.

Os casos acima mencionados estão relacionados com situações em que o cliente efetivamente opta por uma ferramenta de tradução, à qual o tradutor pode conseguir adaptar-se com mais ou menos dificuldade. No entanto, é ainda mais importante mencionar as grandes desvantagens que existem nos casos em que é exigido ao tradutor que faça traduções diretamente no Word ou PDF. Na minha experiência, estes projetos foram normalmente de revisão e não de tradução, tendo como requisito que, caso o revisor encontrasse uma secção no texto de partida que não tivesse sido traduzida para o texto de chegada, deveria acrescentar a respetiva tradução no corpo de texto, quando em Word, e num comentário, quando em PDF. Este tipo de pedido trouxe quase sempre um problema consigo: muitas vezes, não havia acesso à memória de tradução. Quer isto dizer que, quando foi necessário acrescentar a tradução para uma determinada frase ou parágrafo, não tive acesso aos mesmos materiais de referência que o tradutor, correndo o risco de criar inconsistências. Além disso, nenhum destes programas oferece filtros da mesma maneira que o MemoQ ou o SDL Trados que, ao pesquisar, por exemplo, uma palavra ou uma expressão, apresentam apenas os segmentos que a(s) contiverem. Ao realizar essa pesquisa em Word ou num documento PDF, é necessário ir navegando pelos resultados, não sendo possível ver todos os resultados num espaço mais restrito no ecrã.

Conclusão

O estágio curricular que realizei na L10N Studio, Lda. permitiu-me ter uma noção mais abrangente daquilo que espera os estudantes de Tradução no contexto profissional. Numa perspetiva geral, a transição das aulas do mestrado para o mercado de trabalho foi menos suave do que o desejado no sentido em que, durante o estágio, estive perante determinadas situações que seriam difíceis de recriar durante as aulas.

Perante a necessidade de encontrar uma forma de relacionar o trabalho que viria a desenvolver durante o estágio com a teoria, apercebi-me de que todo o trabalho que desenvolvi no decurso dos cinco meses apenas evidenciou que há determinados problemas de tradução que a teoria simplesmente não consegue resolver. No entanto, foi exatamente ao fazer a reflexão teórica exigida pelo relatório que me fui apercebendo de que a teoria pode mesmo ter um papel a desempenhar na prática da tradução: o da consciencialização do tradutor. Ao ter uma noção mais abrangente do seu próprio trabalho e do modo como o realiza, o tradutor pode tomar decisões mais informadas, bem como melhorar ao nível profissional. Desta forma, a teoria pode complementar a prática da tradução se for vista como um guia de orientação, e não um conjunto de regras que devem ser seguidas.

No entanto, a necessidade de responder a determinados problemas de tradução manteve-se, e acabei por me aperceber de que o funcionalismo se aproxima bastante daquilo que considerei um problema constante: o cliente. O modelo funcionalista de análise do texto de partida proposto por Christiane Nord e a sua comparação com a encomenda de tradução podem realmente ajudar o tradutor a preparar-se para a realização de um texto de chegada adequado. Este processo depende de informações que apenas podem ser fornecidas pelo cliente, como é o caso do público-alvo, uma informação particularmente importante quando o tradutor tem de optar por uma forma de tratamento (uma questão discutida na secção 3.2.1.). Tendo em mente o cliente, tem também de se ter em conta o respetivo *skopos*, que rege todo o processo tradutivo.

Embora necessária, apercebi-me de que esta troca de informações entre o cliente e o tradutor (quer haja um intermediário, que é o caso do/as gestores/as de projeto, ou não) nem sempre se verifica. Foram essas situações que me levaram a desenvolver esse problema enquanto tema do presente relatório. Não o escolhi apenas por ter mostrado ser um padrão tanto para mim, como para os colegas da empresa, mas também porque considero importante haver uma sensibilização para o problema. Se o cliente não colabora o suficiente e/ou não oferece ao tradutor o material suficiente para este criar o texto de chegada pretendido, mais difícil será alcançar o respetivo *skopos*.

A conclusão a que pretendo chegar é que a tradução vai muito além da competência do tradutor e da sua capacidade de superar os chamados problemas de tradução. Da mesma forma que o cliente é responsável pelo início do processo de tradução e pelo fornecimento das informações necessárias para uma encomenda de tradução completa, é também o maior interessado na qualidade do texto de chegada – é por esta razão que pretendo enfatizar o seu papel no processo tradutivo. Sem o esclarecimento dos requisitos do cliente relativamente ao *skopos* do texto de chegada, este poderá ter lapsos, fazendo com que o tradutor seja culpabilizado por determinados tipos de problemas que poderiam ser evitados logo de início, alguns dos quais se encontram referidos neste relatório. A sensibilização é um importante passo a dar: o cliente deve ter noção de que, se pretende um texto de chegada com um determinado objetivo, deverá comunicá-lo devidamente ao tradutor. A comunicação entre ambos é essencial e deve sempre ser encorajada, de forma que a margem de erro seja reduzida ao mínimo.

Bibliografia

- Baydoun, N., & Diallok, I. (novembro/dezembro de 2017). Reading Beyond the Lines: The Translator's Quest for Extra-Textual Information. *The ATA Chronicle*, XLVI(6), pp. 7-11. Obtido em 27 de dezembro de 2017, de http://www.atanet.org/chronicle-online/wp-content/uploads/ATAChronicle_NovDev17.pdf
- Byrne, J. (2006). *Technical Translation – Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. The Netherlands: Springer.
- Chesterman, A., & Wagner, E. (2002). *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface*. Manchester UK & Northampton MA: St. Jerome Publishing.
- Fontanet, M. (julho de 2013). The Technical Translator: The Sherlock Holmes of Translation? *The ATA Chronicle*, XLII(7), pp. 18-26. Obtido em 12 de dezembro de 2018, de <http://www.atanet.org/chronicle-online/wp-content/uploads/2013-July.pdf>
- Nord, C. (1988). *Textanalyse und Übersetzen: Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*. Heidelberg: Julius Groos Verlag Heidelberg.
- Nord, C. (2005). *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis* (2ª ed.). (C. Nord, & P. Sparrow, Trans.) Amsterdam - New York: Rodopi.
- Nord, C. (2014). *Translating as a Purposeful Activity*. London and New York: Routledge.
- Reiß, K., & Vermeer, H. J. (2014). *Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained*. (C. Nord, Trad.) London and New York: Routledge.
- Serviços de tradução – Requisitos relativos aos serviços de tradução (ISO 17100:2015)*. (s.d.).
- Tradução, C. d. (2000). Entrevista: Christiane Nord. *Cadernos de Tradução*, 1(5), pp. 183-213. Obtido em 12 de dezembro de 2018, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5613/5099>
- Venuti, L. (2008). *The Translator's Invisibility: a History of Translation* (2ª ed.). London; New York: Routledge.
- Vitek, S. V. (20 de julho de 2013). *Technical Translation Is Not Just About Translating Manuals*. Obtido em 14 de janeiro de 2018, de Diary of a Mad Patent Translator: <https://patenttranslator.wordpress.com/2013/07/20/technical-translation-is-not-just-about-translating-manuals/>

Wright, S. E., & Wright, L. D. (Edits.). (1993). *Scientific and Technical Translation* (Vol. VI).
Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

ANEXOS

ANEXO I

TESTE 1 – EQUIPAMENTO INDUSTRIAL

Systemkomponenten

Beim X-System handelt es sich um ein „System zum stationären Kommissionieren mit dynamischer Bereitstellung“ – kurz „Ware zu Mann System“ genannt.

Die Kommissionierung findet an festen Arbeitsplätzen statt. Die Lagerbehälter mit den benötigten Produkten werden aus einem Bereitstelllager über eine Fördertechnik ausgelagert und von der X-Steuerung zum benötigten Zeitpunkt bereitgestellt. Der Lagerarbeiter wird während des Kommissioniervorgangs mittels Z Anzeige geführt. Dieser beleglose Kommissioniervorgang garantiert eine schnelle und sichere Kommissionierung.

Hostsystem für das X-System

Das Y ist das übergeordnete System des X-Systems. Nur zwischen diesen beiden Systemen kommt es zu einem direkten Meldungs austausch, es gibt keine direkte Anbindung des X-Systems an ein anderes System.

Allgemeines zur Fehlererkennung und Behandlung

Am X-System werden die meisten Fehler automatisch erkannt. Das System reagiert darauf, indem es die betroffene Komponente in den "Suspendmodus" versetzt. Es erscheint eine Fehlermeldung am Service-Client, zusätzlich wird eine Ausfallsinformation am Arbeitsplatz-Bildschirm angezeigt. Die fehlerhafte Komponente muss händisch aktiviert oder deaktiviert werden.

Komponenten des X-Systems

Z / V Komponenten

Bei jedem X Kommissionierplatz werden Z / V Komponenten für die Führung der Lagerarbeiter verwendet.

V

Über jedem Kommissionierbehälter in der Kommissionierbehälterbucht befindet sich ein V Taster.

Z

Über jeder Lagerbehälterbucht befinden sich der Z Komponenten, wobei sich jede Komponente aus einer digitalen Anzeige und einem Taster zusammensetzt.

TESTE 2 – MARKETING

EINE NEUE ÄRA: DER 3T-V-STAPLER

Als eine der ersten Z Neuentwicklungen bereitet das Team um Entwicklungsleiter X einen Drei-Tonnen-Standard-Dieseltapler vor, der ab Frühjahr 2013 eine neue Ära einleiten soll. Mit ihm legt Z den Grundstein für das geplante Wachstum in China, um sich gleichzeitig auf den weltweiten Economy-Märkten durchzusetzen. „Wir wollen den preisbewussten finnischen Holzhändler ebenso zufrieden stellen wie den chinesischen X“, verdeutlicht X allein die ergonomische Herausforderung dieses Vorhabens. Nationale Vorschriften und Standards, Zertifizierungen und Emissionsvorschriften vergrößern die Herausforderung, mit möglichst wenigen unterschiedlichen Teilen die Varianz der Weltmärkte abzudecken und so die großen Marken V und Linde zu ergänzen.

V, der standardisierte integrierte Produkt-Entwicklungs-Prozess, erweist sich auch bei Z von großem Nutzen, berichtet X: Ganz am Anfang der Produktentwicklungen müssen die Vertriebs- und Marketingkollegen die Anforderungen der Märkte definieren, anschließend kommen Produktion und Einkauf zu Wort, und erst dann kann ein zielgerichteter Entwicklungsprozess starten. „Erst wenn der Ingenieur weiß, welche Motoren verbaut werden, kann er den richtigen Rahmen konstruieren“, erläutert X und unterstreicht: „R&D ist keine Abteilungsaufgabe, sondern Unternehmensaufgabe. Auch im Laufe des Entwicklungsprozesses haben wir Meilensteine definiert, anhand derer wir die Fortschritte immer wieder mit allen Beteiligten abstimmen.“ Entscheidend ist auch der Austausch innerhalb der Führungsebene. X führt wöchentlich einen Update Call mit X und X, Vice General Manager V. . X verantwortet seit November 2012 die Bereiche Produktion und Entwicklung und berichtet über den Fortschritt im Z R&D-Zentrum.

TESTE 3 – LEGAL**INFORMATION**

I acknowledge that, in order to perform work for XXXX, I may have access to trade secrets and other confidential information proprietary to XXXX, XXXX's customers or other third parties having business relations with XXXX. For the purpose hereof, "confidential information" shall mean information that is a trade secret or, by its nature, otherwise can be deemed as confidential, since disclosure of such information would cause harm to XXXX. This applies irrespective of the form in or the media on which the information is displayed or contained. Examples of confidential information are financial information, marketing plans, business plans, project plans, business activities, information relating to sales, costs, operating income, organization, customer lists, price calculation models, customer information, development results, software, technology, inventions, improvements, methods, and any other information which by its very nature might be considered by AVERAGE to be confidential, proprietary or a trade secret. The term "confidential information" shall also cover such information relating to XXXX's customers or other third parties having business relations with AVERAGE. In consideration of being entrusted access to confidential information, I acknowledge and agree:

[...]

LIABILITY

I am aware that any breach of the terms of this Individual Confidentiality and Access Undertaking, is likely to cause substantial damage and irreparable harm to XXXX and that I might be held personally responsible for damage caused thereby to XXXX.

GOVERNING LAW

This agreement shall be governed by the laws of London, except for conflict of law rules, which would result in the application of any other jurisdiction.

TESTE 4 – TI**Z releases X**

Z released X on September 16th and then released X1 on September 23rd. X2 was released on September 30th. Currently, in house apps are being tested for compatibility with this new operating system. **DO NOT UPDATE YOUR V to X.** When app testing is complete and any issues have

been fixed you will be asked, via this newsletter to update.

R apps on the V

Due to ongoing discussions with the Legal Department, the deployment of the R apps for V has been delayed. As soon as these discussions have concluded and we are able to use these apps, we will inform you via this newsletter.

Update S App Version 7.0 .1

To be prepared for X, please make sure you have the latest version of the S app installed on your V. To check this, follow the following simple steps.

Locate the **G** icon on the home screen.

Tap on the **G** icon. The screen will be similar to the example shown:

If the App Store icon has a badge (a number in red circle) but no apps are displayed that have updates, tap on the **Updates** button located at the bottom right of the screen.

If there is no badge displayed on the G icon your apps are up to date and no action is required.

At the time of writing this document, the version of the S app is 7.0.1 (this may have changed by the time this document is published).

ANEXO II

Portuguese

IX.

Capitalization

Please follow the same rules as English regarding the capitalization of nouns. This applies specifically to:

- Block and Section Headings
- Captions and Legends

Generally speaking, whenever text is capitalized in English, it should be capitalized in Portuguese too.

Examples:

<p>Tomada Elétrica Auxiliar</p> <p>Para conectar equipamento elétrico, use a tomada elétrica auxiliar (A) localizada no console lateral.</p> <p style="text-align: center;">Especificação</p> <table> <tr> <td>Tomada Elétrica</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Auxiliar—Tensão.....</td> <td>12 V</td> </tr> </table> <p>A—Tomada Elétrica Auxiliar</p>	Tomada Elétrica		Auxiliar—Tensão.....	12 V	 <p style="text-align: right; font-size: small;">CQ262637 —UN—03JUL09</p> <p style="text-align: right; font-size: x-small;">T895756,0000010 -54-23OCT15-1/1</p>
Tomada Elétrica					
Auxiliar—Tensão.....	12 V				

Operação do Trator

Evite Contato com Produtos Químicos	
Agricultas	45-1
Limpeza dos Pesticidas Perigosos no Veículo	45-1
Usar Cinto de Segurança Corretamente	45-2
Operação segura do trator	45-3
Uso limitado em operações florestais.....	45-4
Operação Segura do Trator com	
Pá-Carregadeira.....	45-4
Cuidado ao trafegar em inclinações e	
terreno irregular.....	45-5
Medidas para Evitar que o Trator	
Tombe para Trás	45-5
Evite as Linhas de Transmissão Elétrica.....	45-5
Evite os Gases do Escapamento	45-6
Remoção de um Trator Atolado	45-6
Estacionar a máquina com segurança	45-7
Manipulação de Fardos Cilíndricos	
com Segurança	45-7
Manter Passageiros Fora da Máquina	45-7
Operador Precisa ser Treinado	45-8
Rebocar Cargas com Segurança	45-8
Uso de Corrente de Segurança.....	45-8
Tome Cuidado em Descidas.....	45-9
Observe as Velocidades Máximas	45-9
Dirigir em Vias Públicas.....	45-10
Operação da Tração Dianteira	45-11

Grammar

Always use the imperative form, not the infinitive.

Tabela do mesmo guia relativamente a marcas

MARK	DESIGN TRADEMARK	GENERIC DESCRIPTOR(S)
A TM		mower deck
B TM		deck; mower deck
C TM		planting
D TM		field cultivator
E TM		sensors

